

SEDA 2022.2

SEMINÁRIO DE TESES E DISSERTAÇÕES EM ANDAMENTO

CADERNO DE RESUMOS

LITERATURA CULTURA E SOCIEDADE no percurso das Intermidialidades

CLAUDIA CRISTINA FERREIRA
LUCAS MATHEUS DA SILVA DE CARVALHO
MARIA CAROLINA DE GODOY



CADERNO DE RESUMOS DA 2.^a EDIÇÃO DE 2022 DO

SEDA

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO

LITERATURA
CULTURA E SOCIEDADE
no percurso das Intermedialidades

DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

24 E 25 DE NOVEMBRO DE
2022

ORGANIZAÇÃO

CLÁUDIA CRISTINA FERREIRA
LUCAS MATHEUS DA SILVA DE CARVALHO
MARIA CAROLINA DE GODOY

LONDRINA, 2022



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

REITORA

Marta Regina Gimenez Favaro

VICE-REITOR

Airton José Petris

**COORDENADORA DO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Maria Carolina de Godoy

COORDENADORAS DO SEDA 2022.2

Cláudia Cristina Ferreira

Lucas Matheus da Silva de Carvalho

Maria Carolina de Godoy

EXPEDIENTE

Caderno de resumos do SEDA
Seminário de Dissertações e Teses em Andamento
Periodicidade: semestral
Universidade Estadual de Londrina
Centro de Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445), Km 380 - Campus Universitário
– Caixa Postal 10.011 86057-970, Londrina, PR

Seminário de Dissertações e Teses em Andamento
2.^a edição de 2022
Volume 1, n. 1
Universidade Estadual de Londrina | Centro de Letras e Ciências Humanas | 24 e 25 de
novembro de 2022

REALIZAÇÃO:

Universidade Estadual de Londrina
Programa de Pós-Graduação em Letras

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Maria Carolina de Godoy (Coordenadora Geral)
Claudia Cristina Ferreira (Coordenadora Geral)
Lucas Matheus da Silva de Carvalho (Coordenador Adjunto)

CONSELHO EDITORIAL:

Adilson dos Santos (UEL - Londrina)
Ana Lúcia Trevisan (MACKENZIE - São Paulo)
Claudia Vanessa Bergamini (UFAC - Rio Branco)
Giselle Maria Pantoja Ribeiro (UFPA - Belém)
Luis Eduardo Veloso Garcia (UNIOESTE - Foz do Iguaçu)
Marcio Markendorf (UFSC - Florianópolis)
Ricardo Augusto de Lima (UEM - Maringá)
Thiago Alves Valente (UENP - Cornélio Procópio)

Site: <https://sites.google.com/uel.br/seda2022-2>

E-mail: sedaletas@gmail.com

» Sumário

03 Expediente

07 Apresentação

09 Programação

11 Ensalamento

13 Resumos

14 Andre Henrique de Alcantara (*mestrando*)
Luiz Carlos Santos Simon (*orientador*)

15 Beatriz Souza Ferreira (*mestranda*)
Suely Leite (*orientadora*)

19 Bruno Alexandre Matsushita (*doutorando*)
Alamir Aquino Correa (*orientador*)

» Sumário

22

Érica Alessandra Paiva Rosa (*doutoranda*)
Suely Leite (*orientadora*)

27

Felipe Frasson Fusco (*mestrando*)
Telma Maciel da Silva (*orientadora*)

31

Fernando Leite Mateus (*mestrando*)
Claudia Rio Doce (*orientadora*)

35

James Rios de Oliveira Santos (*doutorando*)
Regina Célia dos Santos Alves (*orientadora*)

41

Jeniffer Thalia do Prado da Costa (*mestranda*)
Luiz Carlos Migliozzi (*orientador*)

44

Kaedmon Sellberg Soares (*doutorando*)
Frederico Augusto Garcia Fernandes (*orientador*)

48

Lucas Matheus da Silva de Carvalho (*mestrando*)
Luiz Carlos Santos Simon (*orientador*)

53

Marcelo Felipe Garcia (*mestrando*)
Telma Maciel da Silva (*orientadora*)

» Sumário

56

Marcio Luiz Carvalho (*mestrando*)
Barbara Cristina Marques (*orientadora*)

59

Pamela Manoela Velozo da Silva (*mestranda*)
Silvio César dos Santos Alves (*orientador*)

63

Patrícia Marcondes de Barros (*doutoranda*)
Frederico Augusto Garcia Fernandes (*orientador*)

66

Rhuan Felipe Scomação da Silva (*doutorando*)
Alamir Aquino Corrêa (*orientador*)



SEDA 2022.2

SEMINÁRIO DE TESES E DISSERTAÇÕES EM ANDAMENTO

APRESENTAÇÃO

2.^a EDIÇÃO DE 2022

Apresentação

O SEDA – Seminário de Dissertações e Teses em Andamento – é uma atividade do Programa de Pós-Graduação em Letras regularmente ofertada a cada semestre. É a oportunidade para que mestrandos e doutorandos exponham os trabalhos em andamento, de forma que os outros alunos possam conhecer os trabalhos de seus colegas.

O formato é o de apresentação de resultados parciais da pesquisa pelo mestrando ou pelo doutorando, acompanhado de seu orientador. Esta exposição é articulada com comentários críticos efetuados normalmente por outro professor do PPGL, que atua como debatedor.

O SEDA é atividade obrigatória para os alunos matriculados em Colóquio de Pesquisa, observado o fato de que alunos de mestrado em primeiro semestre de matrícula participam do SEDA como ouvintes, sem apresentar trabalhos.

O SEDA 2022/2 ocorrerá, ainda, no formato remoto, devido a questões decorrentes do contexto de pandemia enfrentado nos últimos anos pela COVID-19. Nessa edição, temos como mote “literatura, cultura e sociedade: no percurso das intermedialidades”. A conferência de abertura, bem como a mesa-redonda serão transmitidas no Youtube. Por outro lado, as apresentações dos mestrandos e doutorandos serão pela plataforma Google Meet, sendo que o link será enviado somente aos inscritos.

Comissão organizadora.



SEDA 2022.2

SEMINÁRIO DE TESES E DISSERTAÇÕES EM ANDAMENTO

PROGRAMAÇÃO

2.^a EDIÇÃO DE 2022

LITERATURA

CULTURA E SOCIEDADE

no percurso das Intermidialidades

CONFERÊNCIA DE ABERTURA: O BOOM DA MICROLITERATURA NA CONTEMPORANEIDADE



24 DE NOVEMBRO
18h30 às 19h20



MARCIO MARKENDORF
Professor Doutor da UFSC

SESSÃO DE ARGUIÇÕES I

24 DE NOVEMBRO
19h30 às 21h30



MESA-REDONDA: CULTURA E SOCIEDADE NOS PERCURSOS DAS INTERMIDIALIDADES



25 DE NOVEMBRO
18h às 19h



ALISSON GUTEMBERG
Doutor em Ciências Sociais (UFRN)



LUCAS TOLEDO
Doutor em Letras (UEL)



VALTER MOREIRA
Doutor em Estudos Literários (UFPR)

SESSÃO DE ARGUIÇÕES II

25 DE NOVEMBRO
19h10 às 21h30





SEDA 2022.2

SEMINÁRIO DE TESES E DISSERTAÇÕES EM ANDAMENTO

ENSALAMENTO

2.^a EDIÇÃO DE 2022

Ensalamento

Dia 24 de novembro			
Horário	Discente	Orientador (a)	Arguidor (a)
19h30	Felipe Frasson Fusco	Telma Maciel da Silva	Suely Leite
19h50	Marcelo Felipe Garcia	Telma Maciel da Silva	Luiz Carlos Santos Simon
20h10	Andre Henrique de Alcantara	Luiz Carlos Santos Simon	Telma Maciel da Silva
20h30	Lucas Matheus da Silva de Carvalho	Luiz Carlos Santos Simon	Frederico Augusto Garcia Fernandes
20h50	Beatriz Souza Ferreira	Suely Leite	Telma Maciel da Silva
21h10	Érica Alessandra Paiva Rosa	Suely Leite	Frederico Augusto Garcia Fernandes
21h30	Kaedmon Sellberg Soares	Frederico Augusto Garcia Fernandes	Suely Leite
21h50	Patrícia Marcondes de Barros	Frederico Augusto Garcia Fernandes	Luiz Carlos Santos Simon

Dia 25 de novembro			
Horário	Discente	Orientador (a)	Arguidor (a)
19h10	Rhuan Felipe Scomação da Silva	Alamir Aquino Correa	Cláudia Cristina Ferreira
19h30	Bruno Alexandre Matsushita	Alamir Aquino Correa	Silvio César dos Santos Alves
19h50	Pamela Manoela Velozo da Silva	Silvio César dos Santos Alves	Alamir Aquino Correa
20h10	James Rios de Oliveira Santos	Regina Célia dos Santos Alves	Cláudia Rio Doce
20h30	Fernando Leite	Cláudia Rio Doce	Regina Célia dos Santos Alves
20h50	Marcio Luiz Carvalho	Bárbara Cristina Marques	Luiz Carlos Migliozi
21h10	Jeniffer Thalia do Prado da Costa	Luiz Carlos Migliozi	Bárbara Cristina Marques



SEDA 2022.2

SEMINÁRIO DE TESES E DISSERTAÇÕES EM ANDAMENTO

RESUMOS

2.^a EDIÇÃO DE 2022

MAPEAMENTO DO NEGRO EM ROMANCES MENOS CANÔNICOS DAS DÉCADAS DE 1880 a 1890

Andre Henrique de Alcantara (Mestrado)

Orientador: Luiz Carlos Santos Simon

3.º semestre

Previsão de defesa: 2023/01

Esta dissertação tem como objetivo fazer um levantamento de como as pessoas negras são retratadas em romances menos canônicos das décadas de 1880 a 1890. Tais décadas foram escolhidas devido aos eventos históricos que ocorreram ao passar de seus anos, principalmente à abolição da escravização, a qual foi sancionada pela princesa Isabel em 1888, além do fortalecimento de teorias raciais que animalizavam as pessoas negras. Dessarte, ao mapear tais personagens em romances da década de 1880 e da subsequente, torna-se possível verificar se houve alguma alteração no último decênio do século XIX referente à maneira como essas pessoas são representadas nas histórias, seja devido à abolição ou às teorias racistas. Outro ponto a destacar é que, ao fazer tal levantamento por meio de romances menos canônicos, esta pesquisa engendra em caminhos pouco desvendados, o que, no que se refere à representação das personagens negras, traz elementos diferenciais em relação aos canônicos, porém há pontos bastante semelhantes. Um exemplo dos pontos de diferença é que, nesses romances a descrição das crueldades dos “senhores” desferidas contra os escravizados é bem mais forte do que na maioria dos canônicos; já a semelhança dá-se com a manutenção dos estereótipos. Dessa forma, a dissertação tem como objeto de pesquisa nove romances menos canônicos, quatro de 1880 e outros cinco de 1890. Os livros da primeira década são: *O marido da adúltera*, de Lúcio de Mendonça (1882), *Rosaura, a enjeitada*, de Bernardo Guimarães (1883), *Hóspede*, de Pardal Mallet (1887) e *A carne*, de Júlio Ribeiro (1888). Os próximos cinco romances da década de 1890 são: *Dona Guidinha do Poço*, de Manuel de Paiva (1892), *Livro de uma sogra*, de Aluísio Azevedo (1895), *Tentação*, de Adolfo Caminha (1896), *A viúva Simões*, de Júlia Lopes de Almeida (1897) e *A rainha do ignoto*, de Emília Freitas (1899). Além desses romances, cada dezena de anos terá um livro canônico por base. Tal fato se dá na primeira década com *O Mulato*, de Aluísio Azevedo (1881). Já nos últimos dez anos do século XIX, o livro canônico norteador é *O bom crioulo*, de Adolfo Caminha (1895). Portanto, a pesquisa está focada em duas décadas assaz importante para a construção da identidade da pessoa afrodescendente no Brasil. Tendo-se por base tais dados, torna-se preciso apontar como a dissertação é dividida. Isso ocorrerá por meio de três capítulos. O primeiro deter-se-á em uma pesquisa bibliográfica acerca dos trabalhos acadêmicos sobre como a sociedade via o corpo negro no século XIX, o estudo de Gilberto Freire e o que Sílvio Romero e José Veríssimo expõem sobre a literatura destes anos e como isso pode contribuir a esta pesquisa. Dessarte, os textos bibliográficos selecionados são: *História do corpo no Brasil*, de Mary Del Priore, (2011), o qual faz um estudo de como os corpos de pessoas negras e dos povos originários foram tendo a imagem construída pela ideologia cristã e europeia, a fim de justificar maus-tratos, a escravização e de demarcar o espaço social de cada corpo; *Corpo e gênero no romance oitocentista brasileiro*; *UMA LEITURA DE*

BOM-CRIOULO, DE ADOLFO CAMINHA, de Anselmo Peres Alós (2010), que disserta sobre como os corpos são definidos socialmente pela sua cor, idade e gênero, com destaque para Amaro, o qual perde suas características humanas e torna-se um animal movido apenas por sentimentos e desejos; *A TRAJETÓRIA DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA*, de Domicio Proença Filho (2004), cujo foco da análise, como pode-se perceber pelo título, é a trajetória do negro na literatura brasileira, a qual, embora passe por Gregório de Matos, no século XVII, como é destacado pelo autor, o negro vem a ter uma presença mais frequente apenas na literatura do século XIX, principalmente a partir das últimas décadas deste século, em um período que houve um número elevado de romances classificados pelo pesquisador como “literatura sobre o negro”, tendo-se em vista a divisão que ele faz: literatura do negro (o negro é o sujeito da história, há um compromisso de luta e representação) e a literatura sobre o negro (a pessoa negra como objeto, uma forma de escrita que baseia-se em estereótipos da ideologia europeia e cristã). A seguir, ainda sobre o olhar sociológico acerca do período pesquisado, deslindar-se-á o livro de Gilberto Freire, *Casa Grande e Senzala* (1933), o qual apresenta um estudo assaz completo de Freire acerca dos costumes, hábitos, formação da população brasileira, incluindo como as pessoas escravizadas eram tratadas tanto pelos leigos quanto pelos religiosos. Terminando o capítulo, far-se-á uma análise das histórias literárias de José Veríssimo (1916) e de Sílvio Romero (1888), a fim de compreender como os historiadores literários contemporâneos a estes romances expostos anteriormente viam algumas questões pertinentes a esta pesquisa, seja sobre os escritores, seja sobre os movimentos literários da época. Continuando, o segundo capítulo terá o levantamento das personagens negras nos quatro romances menos canônicos do decênio de 1880, tendo *O mulato* por base canônica. Em outras palavras, neste capítulo será feita uma pesquisa de como as pessoas negras são representadas nestes livros selecionados, expondo as funções destinadas, as características descritas pelos narradores, as ações etc. Por fim, no terceiro capítulo, a análise será realizada por meio dos cinco romances da década de 1890 selecionados e cujos títulos foram expostos anteriormente, e, tal qual o capítulo dois, neste também haverá uma obra canônica norteadora, *O bom crioulo*. De modo semelhante ao capítulo anterior, nesta parte da dissertação também haverá a análise de como as personagens negras são descritas, como elas aparecem, se aparecem com frequência como protagonistas ou coadjuvantes, pessoas escravizadas ou livres, movidas pela razão ou pelos desejos. Dessarte, tanto o capítulo dois quanto o três terão pesquisadores como Juliana Fillies Testa Muñoz, Eduardo de Assis Duarte, e Maria Nazareth Soares, os quais dissertam acerca de escritores que se declaravam abertamente abolicionistas, mas que acabavam sustentando estereótipos, expunham visões negativas sobre os negros; outros pesquisadores que apontam as maneiras como as pessoas são retratadas em obras literárias de maneiras imbecilizadas, sexualizadas, incapazes de falarem por si mesmas. Já na conclusão, serão apresentados os resultados da pesquisa, apontando o que pôde ter mudado de uma década a outra ou se nada mudou. Dessarte, na parte final, expor-se-á como as mudanças sociais e a ascensão de teorias racistas, deterministas da década de 1880 influenciaram a escrita dos autores do decênio subsequente.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, J. L. *A viúva Simões*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

ALÓS, Anselmo Peres. *CORPO E GÊNERO NO ROMANCE OITOCENTISTA BRASILEIRO: UMA LEITURA DE BOM-CRIOULO, DE ADOLFO CAMINHA*. Londrina: Terra Rocha, UEL, 2010. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol18/TRvol18b.pdf. Acesso em: 05 mar. 2022.

AZEVEDO, Aluísio. *Livro de uma sogra*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 52. ed. - São Paulo: Cultrix. 2017.

CAMINHA, Adolfo. *Tentação*. Vermelho Marinho, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. *O negro na literatura brasileira*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/download/16787/10936/0>. Acesso em: 8 maio 2021.

FREITAS, Emília. *A rainha do ignoto: romance psicológico*. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1980.

GUIMARÃES, Bernardo. *Rosaura: a enjeitada*. [s.l.]: Associação de Acervos Literários. Biblioteca Virtual, 2005. Disponível em: https://visionvox.com.br/biblioteca/b/Bernardo_Guimar%C3%A3es_Rosaura_a_Enjeitada.txt. Acesso em: 22 abr. 2021.

MALLET, Pardal. *Hóspede*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008. Disponível em: https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/hospede_e_lar_-_pardal_malet_-_para_internet.pdf. Acesso em: 23 abr. 2021.

MENDONÇA, Lúcio de. *O marido da Adúltera*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/o_marido_da_adultera_-_lucio_de_mendonca_-_para_internet.pdf. Acesso em: 19 abr. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUÑOZ, Juliana Fillies Testa. *A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA OITOCENTISTA BRASILEIRA À LUZ DO PÓS-COLONIALISMO*. Colônia, Alemanha: Universität Zu Köln, 2019.

PAIVA, Manuel de Oliveira. *Dona Guidinha do Poço*. São Paulo: Ática, 1981.

PRIORE, Mary del. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PROENÇA FILHO, Domício. *A TRAJETÓRIA DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA*. São Paulo: USP, 2004. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980#pkp_content_main. Acesso em: 01 set. 2022.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. São Paulo: Martin Claret, 1999. (A Obra Prima de Cada Autor)

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: SEPPPIR, 2014, vol. 4, História, teoria, polêmica.

AS FACES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Beatriz Souza Ferreira (Mestranda)
Suely Leite (Orientadora)
3.º semestre
Previsão de defesa: 2023/01

A violência contra a mulher é um fenômeno estarrecedor para qualquer civilização, além disso, é um evento recorrente e temeroso, o que pode ser observado pelo fato de que as denúncias vêm crescendo substancialmente nos últimos anos, especialmente no território brasileiro. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança, somente no período entre março de 2020, mês em que se iniciou por aqui a quarentena, devido à pandemia de covid-19, e dezembro de 2021, ocorreram 2.451 feminicídios e 100.398 casos de estupro e de estupro de vulnerável de vítimas do gênero feminino. Os números mostram claramente a outra pandemia que também assola o país: a da violência contra a mulher. Os números são chocantes e não há indícios de que vão melhorar tão brevemente. E tais números causam impacto especialmente porque tratam de agressões físicas gravíssimas, irreversíveis. Ao tratar de tema tão sério, surgiu a inclinação para observar essa questão e suas configurações na ficção de autoria feminina, uma vez que também concebemos a literatura como um discurso que pode nos desvelar fatos do cotidiano, conforme afirma Barthes (2013); o texto literário pode corrigir a distância que existe entre a ciência, a qual em suas palavras, é grosseira, e a vida, que considera sutil. Por meio das palavras, das possibilidades que a língua concede aos autores de manipular a linguagem em prol de um efeito dramático, e a partir desse trabalho com a linguagem, os escritores conseguem causar impacto em seus leitores, permitindo que eles reconheçam na literatura aspectos da própria subjetividade (BARTHES, 2013). Então, pode-se inferir que a literatura não é apenas um campo vasto para a criação de obras para leitura, fruição, mas ela pode também revelar o olhar de um escritor sobre determinado tema, indicando a valoração desse autor sobre fatos e questões da realidade, mostrando quais valores ideológicos estão circunscritos em sua criação, mesmo em um nível mais elementar. Assim, logo em relação à temática já é possível verificar a importância que os autores atribuem ao assunto. O tema tem grande valor social e, como afirma Candido (2010), também a literatura tem um enorme destaque na sociedade, na medida em que dialoga com o seu tempo não o retratando, mas inserindo-se nele de modo orgânico, sendo por ele influenciado, mas também o influenciando. Dessa forma, atentamo-nos ao tema da violência contra a mulher em obras de Lygia Fagundes Telles configuradas de diversas maneiras e em distintas épocas de nossa sociedade. O conto “A confissão de Leontina” destaca-se na abordagem à violência contra a mulher alicerçada numa diferença de classes; em “Senhor Diretor”, aborda-se a violência simbólica, junto a uma forte repressão sexual da personagem central, que se ampara nas regras morais para justificar sua solidão e seu desamor; “A sauna”, conto que desnuda a vida de Rosa, por meio da narrativa de um ex-namorado cheio de culpa e que destruiu, de distintas formas,

a vida da jovem; e, por fim, o conto “Uma branca sombra pálida”, com a história de como a lesbofobia destruiu a vida de uma jovem e faz com que uma mãe preconceituosa viva cheia de culpa. Os textos em análise fazem parte de uma seleção de contos mais recente da autora, lançada em 2018. Entretanto, foram publicados em 1949, 1977, 1977 e 1995, respectivamente, portanto, para a análise, são consideradas as questões históricas e culturais que atravessam cada um desses períodos. As análises ocorrerão com o objetivo de investigar quais formas de violência contra a mulher estão presentes nas narrativas analisadas? De que maneira estão linguística e discursivamente representadas? Quais questões sociais e de gênero atravessam esses contos? Franco Júnior (2012) destaca que, ao se analisar o texto literário, distinguir a narrativa do texto por meio do qual ela apresenta-se é fundamental, sem atentar-se a um elemento e subestimar o outro, mas entender e trabalhar numa perspectiva em que ambos possibilitem uma avaliação crítica e autêntica de uma obra. Assim, importa-nos também lançar uma abordagem na linha estilística dos contos, de modo a ampliar a leitura do entrelaçamento entre texto e discurso dessas narrativas. Primeiramente, é necessário esclarecer que o conceito de violência, conforme aponta Saffioti (2015), é amplo, pois, segundo a teórica, pode induzir a um problema epistemológico, uma vez que, ao se falar, por exemplo, em violência moral, o termo pode seguir distintos contornos e entendimentos que não estabeleçam limites claros em sua definição. Pensando nessa questão e na natureza e limitação do nosso trabalho, optou-se por se abordar os temas da violência contra a mulher que estão relacionados à classe. E, nessa perspectiva, no primeiro conto selecionado, “A confissão de Leontina”, vemos a personagem homônima sendo vítima de uma sequência de violências que se amparam, antes de tudo, na sua desvantagem socioeconômica, já que a menina não podia estudar para que o primo que sempre a desprezou, pudesse tornar-se médico. Pierre Bordieu (2012) trouxe à luz a temática da violência simbólica, na qual o grupo que é vítima de um certo tipo de violência acaba sendo cúmplice da agressão sofrida, caso da personagem central do conto “Senhor Diretor”, Maria Emília, professora aposentada que transita entre o desespero e o cômico ao narrar as ideias as quais ela adere, da forma mais repressiva possível, tanto as mais moralistas e conservadoras, quanto aquelas que são remanescentes da infelicidade conjugal da mãe, que a ensinou que o casamento não é um romance, mas um dever que exige distintos sacrifícios da mulher. E assim, observa-se como as correntes morais e psíquicas tornaram essa personagem sozinha e no fundo, tão desesperada. Na mesma coletânea, foi publicado o conto “A sauna”, narrativa feita por um pintor inescrupuloso que destruiu a vida da ex-namorada, há trinta anos, e numa sauna, em meio ao cheiro da essência de eucalipto, recorda-se de todas as maldades e violências cometidas contra a jovem, Rosa, e outras mulheres com as quais se relaciona e amplia a visão sobre o tema da pesquisa, ao levantar a discussão acerca da violência patrimonial de que Rosa é vítima, expressão mais recente na legislação brasileira. Em comum com essa narrativa está o conto “Uma branca sombra pálida”, publicado inicialmente em 1995. Se em “A sauna”, é o narrador oportunista que relata toda a história de seu relacionamento com as mulheres que agrediu, no último conto em análise, a narradora é a mãe quem dá um ultimato à filha, fato que culmina em seu suicídio, e que faz com que essa mãe narradora passe a viver entre a recordação e a culpa. A narrativa também deixa claro como a lesbofobia pode se manifestar desde formas sutis a maneiras mais violentas. Apesar de ter sido publicado em

1995, o conto dá indícios claros de retratar fatos do período da ditadura militar no Brasil. Naquele período, a perseguição aos homossexuais era explícita. Militantes da oposição, movimentos esquerdistas, conforme Green (2003), é que buscavam se organizar em favor da resistência desses grupos perseguidos. Atravessando caminhos de uma perspectiva sociológica, devido à importância de se compreender relações entre sociedade e obra literária, com a especificidade dos contornos sociais brasileiros, entender os caminhos de opressão e de reprodução de violências contra a mulher, atentar-se às suas manifestações, sutis ou explícitas, levantar discussões sobre o tema e contribuir para com a ideia de combate a tais crimes são pilares da proposta desse trabalho. A divisão, a princípio, dar-se-á da seguinte forma: Introdução. Primeiro capítulo: 1. Sobre a violência contra a mulher; 1.1. A violência; 1.2. Violência contra a mulher; e 1.3. Violência contra a mulher no Brasil. Segundo capítulo: 2. Representação da violência de gênero na obra de Lygia Fagundes Telles; 2.1. Violência física; 2.2. Violência simbólica; 2.3. Violência patrimonial; 2.4. Violência psicológica. Terceiro capítulo: As faces da violência contra a mulher nos contos – Entrelaçamentos; Considerações finais.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BRASIL, Casa Civil da Presidência da República. Comissão Nacional da Verdade (CNV). *Portal CNV: Institucional e Relatórios Finais da CNV*. Brasília (DF): CNV, 2012-2014. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/documentos/Capitulo10/Capitulo%2010.pdf>>. Acesso em 30 jun. 2022.

BRASIL. *Lei nº. 11.340*, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha).

BORDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Violência contra mulheres em 2021*. Anuário Brasileiro de Segurança. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-contra-mulheres-em-2021/>. Acesso: 08 nov. 2022.

FRANCO JÚNIOR, A. Operadores de leitura da narrativa. In: *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Organização Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. Maringá: Eduem, 2003.

GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

SAFFIOTI, H. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TELLES, Lygia Fagundes. *Os contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. P. 176-198.

CONSTRUÇÃO DA ICONIZAÇÃO MÍ(S)TICO-RELIGIOSA DE CLARICE LISPECTOR EM *TODOS OS CONTOS*

Bruno Alexandre Matsushita (doutorando)

Alamir Aquino Correa (orientador)

5.º semestre

Previsão de defesa: 01/2024

Não informou por quem já foi arguido

Clarice Lispector é, sem dúvidas, uma das escritoras da literatura brasileira cujos textos assumem, muitas vezes, pela visão de seus leitores, um caráter místico e com interpretações até metafísicas e transcendentais. Muitas vezes chamada de bruxa, Clarice Lispector é uma figura controversa e enigmática. Sempre foi. Por meio de artigos, ensaios, entrevistas conferidas pela própria escritora e relatos de seus amigos e conhecidos, foi-se construindo uma imagem de/sobre Clarice Lispector. Quase que uma mitologia a seu respeito. Clarice Lispector, então, se tornou um mito da literatura brasileira. O objetivo desta pesquisa é fazer um levantamento dos elementos religiosos neopagãos e relacionados à bruxaria em *Todos os Contos*, de Clarice Lispector, e identificar como sua escritora tornou-se um ícone místico, um objeto de contemplação, um “monstro sagrado” da literatura brasileira. Para isso, reunirei a fortuna crítica sobre a autora e também analisarei os adjetivos que marcam a sua recepção e de suas obras em resenhas disponíveis na Internet, artigos, dissertações e teses. Nesta pesquisa, entenderemos como mito o discurso fantástico geralmente originário de tradição oral que narra acontecimentos fantásticos sobre situação ou pessoa, podendo conter verossimilhança com a realidade ou não. Para classificarmos o místico, recorreremos à definição do dicionário Michaelis: “1. Relativo à vida espiritual ou religiosa. 2. Que não pode ser explicado pelas leis naturais; espiritual, sobrenatural. 3. Que se relaciona com o espírito e não com a matéria. 4. Diz-se das coisas religiosas que envolvem uma razão oculta e incompreensível; alegórico, misterioso” (MICHAELIS, on-line). Ante definição dos dois termos, é possível vislumbrarmos a relação dos escritos de Clarice Lispector com ambos. Embora as primeiras críticas literárias não coloquem Clarice Lispector como um mito, essa aura de mistério sobre sua pessoa foi sendo construída progressivamente. Há indícios dessa “mitificação” logo nos ensaios sobre seu primeiro livro publicado, *Perto do Coração Selvagem*, nos anos de 1940, classificando-a como hermética e difícil. Dos aspectos que contribuíram para sua mitificação, além, obviamente, de sua literatura por vezes hermética, acreditamos que, de forma sumária, as contradições envolvendo sua vida pessoal (como naturalidade, data de nascimento, seu “sotaque estrangeiro” e até mesmo seu comportamento excêntrico perante jornalistas e amigos mais próximos) alimentaram o desejo de saber mais sobre a autora por trás da obra e, conseqüentemente, a sua mitificação. Clarice Lispector muitas vezes tentou desmistificar-se em entrevistas. Em fevereiro de 1969, ela é entrevistada por Leo Gilson Ribeiro para o *Jornal da Tarde* e, no final da entrevista, a autora parece querer desmistificar-se: “Sabe, uma das coisas que mais me incomodam é o fato de as pessoas acharem que sou um mito. Isso prejudica muito a aproximação de pessoas que poderiam preencher o vazio da minha vida” (*apud* GOTLIB, 2013, p. 560). Clarice Lispector cita um exemplo de um pintor que a telefona há

vários meses, sempre no mesmo horário, para conversar, mas nunca se conheceram pessoalmente, porque segundo ele, ela seria uma “esfinge, que precisa ser adorada à distância”. Ainda citando a fala da escritora, para Leo Gilson Ribeiro, “muitas pessoas acham, mas não sou nenhum bicho-papão. Mas pareço condenada a viver sozinha – dormir cedo, ir ao cinema sem ninguém a meu lado. É o preço da fama” (GOTLIB, 2013, p. 560). Talvez, para Clarice Lispector, o “preço da fama” era uma vida solitária, mas a autora, mesmo com convites dos poucos amigos que tinha, se esquivava talvez propositalmente de companhia. Segundo a biógrafa Nádia Battella Gotlib, Clarice “[...] ao isolar-se voluntariamente, cercava-se de uma aura de mistério, permanecendo intocável e favorecendo, quem sabe, certas mitificações: belíssima, sobretudo na mocidade; em qualquer época, sedutoramente atraente; antissocial, esquisita, complicada, difícil, mística, bruxa...” (GOTLIB, 2013, p. 22). Em junho de 1974, Clarice Lispector concedeu uma entrevista aos jornalistas de *O Pasquim* (Jaguar, Sérgio Augusto, Ivan Lessa e Ziraldo e duas escritoras convidadas: Olga Savary e Nélide Piñon) sobre sua popularidade. Ziraldo, em dado momento, observa: “Você pode não querer a mitificação, mas eu acho que você tem uma aura de mistério. O que é bom. Clarice Lispector a gente não sabe de onde vem nem aonde vai. Você tem uma aparência, um jeito, misterioso. Isso tudo ajuda a mi(s)tificação” (*apud* GOTLIB, 2013, p. 553-554). “Eu não gosto de entrevista... [pausa] Parece que me mitificaram. Eu sou uma mulher simples. Não tenho nada de sofisticação. As entrevistas que eu dou são para explicar que não sou um mito. Sou uma pessoa como outra qualquer” (GOTLIB, 2013, p. 561). A aura de mistério era tão grande em torno de Clarice Lispector que acreditavam que ela escrevia num estado alterado de consciência, em transe. A escritora tinha muitas superstições. Em uma carta deixada à amiga Olga Borelli, ela escreve algumas orientações para a amiga que a ajudaria a copiar os manuscritos do livro *Objeto* que, posteriormente, seria chamado de *Água Viva*: “Mas você podia me fazer um favor, se puder e quiser. É tirar uma cópia de ‘Objeto’ (vê se dá para pegar a página 13, que é número de sorte. Vá dando espaço maior para cima, para baixo, e para o lado... assim talvez pegue o comecinho do treze...)” (*apud* GOTLIB, 2013, p. 496). Os números sempre exerceram fascínio sobre Clarice Lispector, desde sua mais tenra idade – em diversas entrevistas, ela afirma que seu pai era um ótimo matemático e também a recorrência de situações envolvendo números é frequente em seus contos. Todos esses elementos e eventos citados até aqui contribuíram para a construção de uma aura de mistério, de bruxa, em torno de Clarice Lispector. Em suas posturas contraditórias em relação a essa aura criada sobre sua pessoa, ela ora procurava se desvincular dessa aura mística, ora aceitava quando ironizava e até brincava com tais associações. O fato é que Clarice Lispector ainda tinha interesse em como as pessoas a viam. Em algumas entrevistas que fez para o *Jornal do Brasil*, ela pedia aos entrevistados para descrevê-la, e as descrições sempre eram repletas de associações místicas e espirituais. Entre 14 e 17 de agosto de 1974, Clarice participou do *IV Congreso de la Narrativa Hispanoamericana*, na Universidad del Valle, em Cali (na Colômbia), no evento, a autora conheceu o crítico Marco Túlio Aguilera Garramuño, que escreve uma carta destinada à Clarice em 31 de junho de 1975, dizendo que a conheceu em Cali e diz “*i know you, little witch*”. Provavelmente, foi por ter participado desse congresso em Cali que Clarice recebeu um convite para participar do I Congresso de Bruxaria, em Bogotá (também na Colômbia), que aconteceu entre 24 e 28 de agosto de 1975 (embora tenha sido convidada

por Simon González e Pedro Gomez Valderrama). Em entrevista ao MIS-RJ, em 20 de outubro de 1976, Clarice disse que o convite talvez tenha surgido por conta dessa participação, já que um crítico disse que ela “usava as palavras não como uma escritora, mas como bruxaria. Daí, talvez, o convite a participar” (*apud* GOTLIB, 2013, p. 534). Na mesma entrevista, ela afirma que não se sentiu bem durante o congresso: “Inclusive, eu estranhei o clima da Colômbia, de Bogotá. Tinha dor de cabeça e, um dia, me tranquei no quarto. Eu fique sozinha! Não atendia ao telefone, só chamava [por] comida e bebida. De tão enjoada que eu tava achando tudo. Eu enjoo facilmente das coisas” (GOTLIB, 2013, p. 535). Após o congresso, Clarice Lispector passou a ser relacionada mais ainda à bruxaria, tendo conferido até uma entrevista à revista *Veja* para esclarecer algumas inverdades que estavam sendo ditas sobre ela e sua participação no referido congresso. Os resultados preliminares apontam que vários fatores contribuíram para a relação entre Clarice Lispector e sua mitificação enquanto bruxa, desde as críticas tecidas por leitores que encontram em seus escritos assuntos místicos, até mesmo informações (ou a falta delas) sobre a própria autora, na época da publicação de seus livros.

BIBLIOGRAFIA

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: Era modernista*. 7. ed. São Paulo: Global Editora, 1997.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: Uma vida que se conta*. 7. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MICHAELIS. *Místico*. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/m%C3%ADstico>>. Acesso: 11 nov. 2022, on-line.

MONTEIRO, Teresa. *O Rio de Clarice: Passeio afetivo pela cidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MONTEIRO, Teresa. *À procura da própria coisa: Uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

UMA SANGRIA EM PERFORMANCE: A (RE)CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO BRASIL PELA POÉTICA FEMINISTA DECOLONIAL

Érica Alessandra Paiva Rosa (Doutorado)
Suely Leite (Orientadora)
3.º semestre
Previsão de defesa: 2025/01
Primeira arguição

Nesta pesquisa, propomos uma análise da poesia de autoria feminina produzida no circuito dos slams (campeonatos de poesia falada) brasileiros. Os slams têm se configurado como espaços de resistência discursiva nos quais pessoas que por muito tempo foram representadas pelos outros, como as mulheres, assumem o controle da palavra, por vezes, contestando a história contada pelo homem branco cisheterossexual. O slam é uma ágora onde as urgências são debatidas por meio da poética da palavra e do corpo e tem se tornado um lugar de projeção da voz feminina que por muito tempo não foi ouvida. Muitos dos poemas recitados nos slams apresentam reflexões sobre as situações que as pessoas vivenciam na atualidade e as formas como elas se representam em meio a tal conjuntura. Assim, é comum que as poetisas abordem assuntos relacionados ao contexto político nacional, à violência, ao racismo, às questões de gênero e de classe, à sexualidade, aos relacionamentos abusivos, dentre outros temas diversos. Com tais abordagens, as poetisas buscam reivindicar respeito, direitos e cidadania, além de provocar seus interlocutores a uma decolonização do pensamento. De acordo com Mignolo (2017), a colonialidade é um padrão colonial de poder que justifica o uso da violência em favor de promessas de progresso e desenvolvimento. Compreendemos que a colonialidade nasce nos processos de colonização e perdura até os dias atuais, orientando o poder a partir de relações hierárquicas como o racismo, a classe social, o patriarcado e a organização de gênero, por exemplo. Já a decolonialidade é definida por Mignolo (2017) como um modo de pensar desvinculado das ideias ocidentais, portanto, desenvolvido de forma localizada na América Latina e no Caribe a partir da experiência vivida por seus povos. Assim, os processos de decolonização do pensamento propõem outras leituras da história e de sua influência nas relações sociais contemporâneas, a fim de identificar como as estruturas hierárquicas de poder persistem ao longo do tempo e como é possível romper com tais formas de controle ao construir um pensamento localizado que oriente as práticas políticas. Diante desse contexto, buscamos discutir como a poética do slam constrói representações sobre as mulheres brasileiras e investigar aspectos que a caracterizam como uma literatura feminista decolonial que (re)constrói a história do Brasil pela perspectiva das poetisas – também chamadas de slammers no movimento dos campeonatos de poesia falada. Trabalhamos em especial com um projeto multiartístico da slammer Luiza Romão que contempla o livro “Sangria” (2017), sua adaptação para o filme de mesmo nome e a apresentação de seus poemas nos slams. Com design de Daniel Minchoni, fotos de Sérgio Silva, prefácio de Heloisa Buarque de Hollanda e tradução de Martina Altaf, o livro é apresentado nas línguas portuguesa e espanhola unindo as materialidades do poema e da fotografia para recontar a história do Brasil pela perspectiva de um útero (construído esteticamente na forma do livro e no

conteúdo dos textos). Composto por 28 fotos e 28 poemas organizados em seis capítulos – Genealogia, Descobrimento, Tensão pré-menstrual, Corte, Ovulação e Menstruação – e lido no formato de um calendário, o livro é construído em torno de um ciclo menstrual atravessado por acontecimentos históricos brasileiros. “Sangria” propõe uma compreensão antiessencialista da formação do Brasil, questionando e desconstruindo os conceitos normativos e homogeneizantes, assim como os estereótipos traçados pela colonialidade. Tal posicionamento dialoga intimamente com os feminismos de política decolonial os quais rejeitam fórmulas que segmentam, amparando-se nas práticas de mulheres e comunidades que vivenciam diferentes camadas de opressões e, como resistência, articulam formas de enfrentamento à colonialidade (VERGÈS, 2020). Ainda segundo Vèrges (2020), os feminismos decoloniais são formados por uma corrente de feminismos contra-hegemônicos produzidos por intelectuais afrodescendentes, imigrantes, latino-americanas, mestiças, entre outras, que atuam na construção de um pensamento antirracista, anticapitalista e anti-imperialista. Nesse sentido, Curiel (2017) destaca que as propostas decoloniais são construídas a partir das experiências, de modo que a teoria embasa as ações e as práticas políticas de determinado grupo ou movimento. Por meio do projeto multiartístico “Sangria” é possível refletir sobre a construção identitária das mulheres em um país colonizado e as relações entre a modernidade, o colonialismo e o capitalismo que constantemente atualizam as opressões e sustentam as hierarquias. A partir do livro, Luiza Romão dirigiu o filme “Sangria” (2017) de forma independente com a participação de mais de 50 mulheres. Cada poema foi entregue a uma artista que criou uma performance/intervenção a partir de sua linguagem – fotografia, dança, grafite, teatro, música etc. Os 28 trabalhos dessas mulheres foram filmados e são apresentados no longa-metragem com a declamação dos poemas feita por Luiza. Lançado em outubro de 2017, o filme foi exibido em diversos festivais de cinema na América Latina e recebeu diversos prêmios. Até este momento da investigação, as leituras teóricas se centraram sobre os eixos da identidade, da colonialidade e do feminismo decolonial, buscando organizar um arcabouço teórico que nos auxilie a realizar uma crítica literária decolonial da poesia produzida pelas mulheres no cenário dos slams brasileiros. A partir das leituras, compreendemos que o processo de construção identitária é influenciado pela colonialidade que propõe imaginários específicos sobre as pessoas – pautados nas diferenças raciais, sociais, de gênero e de sexualidade – os quais hierarquizam os modos de ver e perceber o mundo. Nessa conjuntura, o campo da teoria decolonial investiga as diferentes facetas da colonialidade, como a da natureza, do ser, do saber, do gênero, da linguagem e do poder, dentre outras. Assim, as leituras da pesquisa se debruçam sobre esses recortes, em especial, o conceito da colonialidade do gênero, construído pelo campo de estudos do feminismo decolonial. Segundo Lugones (2008), o gênero é uma criação do sistema moderno/colonial que impõe a dicotomia hierárquica masculino/feminino, o dimorfismo biológico e a organização patriarcal e heterossexual das relações sociais como as únicas opções de organização do gênero dentro desse sistema. Assim, conforme o Ocidente colonizou os países do Sul, ele também disseminou as suas formas de organização social, implantando modelos de corpos e comportamentos corretos e incorretos. Nesse contexto, os ideais de gênero e de sexualidade contemporâneos nascem de uma hierarquização que se produz na colonialidade. Sobre a estrutura da tese, planejamos organizar o texto em quatro

capítulos. O primeiro deles apresentará uma revisão bibliográfica em duas seções: uma traçando diálogos entre os eixos teóricos da identidade e do feminismo decolonial; e outra seção abordando os eixos da poesia, da performance e suas relações com o cinema. Para os estudos sobre a identidade, temos como referencial teórico Hall (2000, 2003, 2006), Bauman (2005) e Castells (1999). Sobre a decolonialidade, nos pautamos em Mignolo (2008; 2014; 2017), já sobre o feminismo decolonial, trabalhamos com Lugones (2008, 2014), Curiel (2019, 2020, 2021), Gonzales (1984, 2016, 2020) e Vergès (2017, 2019), dentre outras. Sobre a crítica literária feminista, trabalhamos com Hollanda (2018; 2019; 2020) e Bonnici (2007; 2012). Para as discussões sobre poesia e performance utilizamos Aguilar e Cámara (2017) e Zumthor (1997, 2002). Já as relações entre literatura e cinema são investigadas a partir dos pressupostos de Diniz (1999, 2005, 2012). O segundo capítulo também apresentará duas seções. A primeira sobre o movimento dos slams, abordando sua origem na década de 1980 nos EUA e chegada ao Brasil em 2008, além de seu desenvolvimento no país – que conta com mais de 200 comunidades atualmente – e a participação das mulheres nessa trajetória. A segunda seção abordará a análise literária decolonial de poemas e apresentações de algumas slammers brasileiras para apresentar as discussões trazidas pelas poetisas sobre o Brasil e compor um panorama da poética feminina nos slams. Destacamos que algumas dessas leituras já foram realizadas nos artigos para cumprimento das disciplinas do programa. O terceiro capítulo apresentará a poeta Luiza Romão e o livro “Sangria” (2017), com a análise literária decolonial dos poemas, das fotografias e do design do livro, considerando sua construção estética. O quarto capítulo discutirá os processos de tradução/adaptação dos poemas de Luiza Romão em duas seções. A primeira, abordará as apresentações públicas da poeta nos campeonatos de poesia falada em diálogo com os eixos teóricos da performance e da oralidade, e, a segunda seção, abordará o filme “Sangria” (2017) traçando discussões entre a literatura e o cinema.

BIBLIOGRAFIA

AGUILAR, Gonzalo; CÁMARA, Mario. **A máquina performática**: a literatura no campo experimental. Trad. Gênese Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura**: estratégias de leitura. 2. ed. Maringá: Eduem, 2012.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. In: MELO, Paula Balduino de et al. (org.). **Descolonizar o**

feminismo: VII Sernegra. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2019, p. 32-51.

CURIEL, Ochy. Las Claves de Ochy Curiel. Feminismo decolonial. Entrevista de Ochy Curiel para o Centro de Iniciativas de Cooperación al Desarrollo.

CICODE UGR, 2017. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=7ZSHqyKLANQ>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

CURIEL, Ochy. Ochy Curiel e o feminismo decolonial. [Entrevista concedida a] Ana Paula Procópio da Silva, Magali da Silva Almeida e Renata Gonçalves. **EM PAUTA**, Rio de Janeiro, 2020, n. 46, v. 18, p. 269 – 277.

DINIZ, Thaís Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares. **Intermedialidade e Estudos Interartes:** Desafios da Arte Contemporânea. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012.

DINIZ, Thaís Flores Nogueira. **Literatura e cinema:** da semiótica à tradução cultural. Ouro Preto: UFOP, 1999.

DINIZ, Thaís Flores Nogueira. **Literatura e cinema:** tradução, hipertextualidade, reciclagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). **Problemas de gênero.** Rio de Janeiro: Funarte, 2016, p. 149-168.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Flávia Rios e Márcia Lima (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista:** arte, cultura política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista:** conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista hoje:** perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUGONES, María. Colonialidad y Género: Hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO, Walter (org.). **Gênero y Descolonialidad.** Buenos Aires: Del signo, 2008.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Trad. Juliana Watson e Tatiana Nascimento. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3), set./dez. 2014, p. 935-952.

MIGNOLO, Walter et al. **Género y Descolonialidad**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

MIGNOLO, Walter et al. **Desafios decoloniais hoje**. Trad. Marcos Jesus de Oliveira. Epistemologias do sul, Foz do Iguaçu, 1 (1), pp. 12-32, 2017.

ROMÃO, Luiza. **Sangria**. São Paulo: Edição do Autor – Selo do Burro, 2017.

ROMÃO, Luiza. **Sangria**: filme completo. YouTube. Direção: Luiza Romão, 2019 [2017]. Disponível em: <<https://youtu.be/OzfcxgQ-Hy4>>. Acesso em: 07 ago. 2020.

VERGÈS, Françoise. **Le Ventre des femmes**: Capitalisme, racialisation, féminisme. Paris: Albin Michel, 2017.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naif, 2002.

IMAGENS DA ANIMA E DO ANIMUS EM CAMILO PESSANHA

Felipe Frasson Fusco (Mestrado)
Telma Maciel da Silva (Orientadora)
3.º semestre
Previsão de defesa: 2023/01

A poesia de Camilo Pessanha (1867-1926) é reconhecidamente uma das produções poéticas mais importantes no cenário do Simbolismo português. Ela foi reunida através de sucessivos (e por vezes questionáveis) estabelecimentos de texto, cujo título de *Clepsidra* tornou-se canônico desde a primeira edição, em 1920. Trabalhos célebres já se debruçaram sobre essa obra; a maioria, por exemplo os de Leal (2007), Máttar Neto (1996) e Franchetti constataram o que este chamou “uma entranhada resistência à transitividade” (2001, p. 114) como característica fundamental da poética de Pessanha. Em outras palavras, sua obra exerceria um constante esforço contra a fixação de um sentido: o cerne simbólico de todos os poemas volta-se contra si próprio, negando leituras unitárias. A caracterização dos objetos é fluida, confundindo-os com o sujeito e com eles próprios. Por vezes, sua fortuna crítica também voltou a atenção para alguns paratextos produzidos por Pessanha, sua correspondência e textos de crítica literária: Leal (2007), Rubim (1993) e Franchetti (2001). Contudo, um tema pouco discutido em sua produção foi o das figuras femininas, ponto de partida para o estabelecimento do atual projeto. Para compreender a presença ambígua do feminino nessa poesia, julgamos pertinente o referencial teórico da Psicologia Analítica, valendo-nos portanto de Jung (2013a, 2013b, 2014) e comentadores. Isso nos conduziu, então, a ver na poética de Pessanha uma tendência a representar a ambivalência de elementos primordiais da psique humana – aos quais Jung deu o nome de arquétipos. Ora, tanto algumas cartas quanto uma das resenhas escritas pelo autor apontam para um fazer literário que: 1) estabelece distância da obra em relação à biografia do criador, conferindo àquela um caráter universal (PESSANHA, 1969); 2) trata os textos como “coisas” (PESSANHA, 2012, p. 122), elementos estranhos ao sujeito; 3) encena uma dinâmica em negação do desejo, mas com “exceções” (PESSANHA, 2012, p. 241). Os dois primeiros itens se ligam, ao nosso ver, ao funcionamento do arquétipo na psique humana. Se por um lado a “origem de um arquétipo permanece obscura, e sua essência, insondável” (JACOBI, 2016, p. 44), por outro, ao encontrar um conteúdo na experiência individual que o permita ser veiculado, o arquétipo pode ganhar uma forma limitada, mas inteligível. O artista, para Jung (2013b, p. 83), faria exatamente esse processo de transcrição numa escala social, ou seja, daria corpo às estruturas primordiais do psiquismo humano que seus meios sócio-históricos exigissem (por complementação ou compensação). Quando vemos o contexto de produção da obra de Pessanha, o fim do século XIX e início do XX em Portugal, constatamos que o arquétipo do Animus (brutal, racionalista, controlador, tomando a forma de heróis e sábios) é quem transparece no inconsciente coletivo. Ora, o Animus existe em oposição à Anima, que é cativante, emotiva, passiva e toma a forma de mulheres e da vegetação. Esses dois arquétipos, ao nosso ver, são os mais representados em nosso *corpus*, composto pela *Clepsidra* e pelos paratextos mencionados, a correspondência de Camilo Pessanha e sua resenha às *Flores de Coral* de

Alberto Osório de Castro. Nosso primeiro objetivo geral, então, é analisar os contornos de uma poética delineados por Pessanha direta ou indiretamente nos paratextos. Todos apontam para um interesse em afastar a poesia da experiência humana concreta, cotidiana, confirmando a “resistência” a que se referiu Franchetti (2001, p. 114). Portanto, colocam em prática o conceito de “condensação” do crítico canadense Northrop Frye (2022, p. 182-183) por prezarem mais a “estrutura [verbal] entrelaçada” que a “acomodação à experiência comum”. Estabelecendo uma ponte entre Frye e Jung, entendemos que o movimento de condensação busca fazer com que os elementos da obra literária se aproximem da essência do arquétipo. A leitura genética dos poemas de Pessanha confirma nossas hipóteses. Por exemplo, no poema “Vida”. O conjunto de imagens e o enredo do poema aparecem pela primeira vez, nos documentos atualmente conhecidos de Pessanha, em uma carta enviada ao amigo Alberto Osório de Castro em 1891. Surgem, porém, associados metaforicamente aos sentimentos do remetente sobre uma possível emigração para as colônias, contrapondo o “Oriente” a Luanda: “Pois, em vez de somente inutilizar a colheita, não é melhor salgar logo a terra? Senão vem a chuva e torna logo a rebentar o grande campo das liliáceas. Quem há de depois destruir o grande campo das liliáceas? E os carvoeiros pegaram fogo ao monte, e anda tudo a arder. Quem há de vir agora calcar o fogo que anda no monte?” (PESSANHA, 2012, p. 107). Do manuscrito do poema “Vida”, datado de 1896, à versão atualmente conhecida do poema publicada postumamente em 1929, conservaram-se os elementos principais da metáfora – um campo de flores que brota após a chuva, um desejo de destruir tal campo, um incêndio e o desejo de apagá-lo. No entanto, qualquer associação às colônias e ao sentimento do português finissecular em relação a elas (dados da experiência comum de que fala Frye) é desfeita. Ao fim, o poema conserva elementos mais próximos da vivência humana como um todo: a vida e a morte, representados através de forças naturais, a vegetação e o fogo. Ou seja, dos aspectos arquetípicos. Em consequência, nosso segundo objetivo geral é identificar os arquétipos em jogo no *corpus*; mais especificamente, analisar as imagens arquetípicas do Animus e da Anima, e a interação entre ambas. O Animus, por exemplo, vem à luz seja na resenha, quando o poeta evoca a imagem do “asceta cristão” (PESSANHA, 1969, p. 325), seja na ideia de “aniquilamento do desejo” na carta em que esboça sua obra (Idem, 2012, p. 241), seja no “Leão armado, uma espada nos dentes” (PESSANHA, 2009, p. 106) de um de seus sonetos. Suas imagens comportam tanto o potencial de Herói quanto de Velho Sábio do arquétipo. Já a Anima aparece, entre outras ocorrências, na referência à personagem de uma mulher pecadora em uma obra doutrinária do barroco que interessava ao autor (PESSANHA, 2012, p. 108; 150-151), nas “florestas virgens” e no “estorcer-se das bailadeiras indianas” a que se refere na resenha (Idem, 1969, p. 325) ou nas mulheres que se identificam simbolicamente à vegetação em seus poemas, como em “Se andavas no jardim”: “Se andavas no jardim, / Que cheiro de jasmin! / Tão branca do luar! // [...] // Por que entristeço assim? / Não era ela, mas sim / (O que eu quis abraçar), // A hora do jardim... / O aroma de jasmin... / A onda do luar...” (Idem, 2009, p. 104). As imagens deste arquétipo no *corpus* são mais ambivalentes, justamente como Jung (2013b) entendia o arquétipo por excelência, em especial o da Anima, porquanto esta conduz a consciência ao, e representa ela própria, o terreno do inconsciente (JUNG, 2013a) – que é ambivalente e alheio à lógica. Até o momento, nosso trabalho estrutura-se em

quatro capítulos, três dos quais estão completos. No primeiro, desenvolvemos o referencial teórico da psicologia analítica e seu diálogo com a literatura, em que nos baseamos – Jung (2013a, 2013b, 2014), Frye (2022), Bachelard (2018), entre outros. No segundo, traçamos o contexto sócio-histórico e artístico português finissecular, buscando também descortinar as imagens em destaque na psique coletiva do momento. No terceiro, iniciando a análise propriamente dita, rastreamos o entendimento e os processos que Pessanha atribui ao poético, ligando-o às nossas considerações teóricas, em especial ao conceito de condensação segundo Frye (2022). No quarto, do qual falta apenas o segundo subcapítulo, analisamos a imagética do Animus e da Anima ao longo do *corpus*.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. 205 p. Tradução de: La poétique de la rêverie.

FRANCHETTI, Paulo. **Nostalgia, exílio e melancolia**: leituras de Camilo Pessanha. São Paulo: Edusp, 2001. 168 p.

FRYE, Northrop. **O poder das palavras**: a Bíblia e a literatura II. Tradução de Marcio Stockler. Campinas: Sétimo Selo, 2022. 372 p. Tradução de: Words with Power: Being a Second Study of the Bible and Literature.

JUNG, Carl Gustav. **Estudos alquímicos**. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva, Maria Luiza Appy. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013a. Tradução de: Studien Über Alchemistische Vorstellung. 456 p.

JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. Tradução de Maria de Moraes Barros. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2013b. Tradução de: Über das Phänomen des Geistes in Kunst und Wissenschaft. 168 p.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. Tradução de: Die Archetypen und das Kollektive Unbewusste. 458 p.

LEAL, Izabela. “Estranha sombra em movimentos vãos”: imagens da escrita poética em Camilo Pessanha. In: SANTOS, Gilda; LEAL, Izabela. **Camilo Pessanha em dois tempos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 97-183.

MÁTTAR NETO, João Augusto. **O processo simbólico na Clepsidra de Camilo Pessanha**: a construção do discurso poético pela desconstrução das categorias da percepção e do entendimento. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, 1996. 160 p.

PESSANHA, Camilo. Alberto Osório de Castro: “Flores de Coral”. In: PESSANHA, Camilo. **Clepsidra e outros poemas**. Lisboa: Ática, 1969. p. 320-328.

PESSANHA, Camilo. In: PESSANHA, Camilo; PIRES, Daniel (Org.). **Correspondência, dedicatórias e outros textos** / Camilo Pessanha. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2012. p. 105-276.

PESSANHA, Camilo; FRANCHETTI, Paulo (Ed.). **Clepsidra**. São Paulo: Ateliê, 2009. 192 p.

RUBIM, Gustavo. **Experiência da alucinação**: Camilo Pessanha e a questão da poesia. Lisboa: Caminho, 1993. 203 p.

UBIRAJARA E ANTROPOFAGIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Fernando Leite Mateus (Mestrando)

Cláudia Rio Doce (Orientadora)

3º semestre

Previsão de defesa: 2023/1

A dissertação tem como *corpus* o romance indianista *Ubirajara*, de José de Alencar, publicado originalmente no ano de 1874, após outras duas obras, *O guarani* (1857) e *Iracema* (1865), também com personagens indígenas brasileiros que formaram o início da literatura nacional que havia, há pouco, começado a se configurar com o movimento do qual Alencar fez parte: o romantismo. Dessa forma, o trabalho se estruturará a partir da análise do romance (ou novela) e sua relação com o indianismo, uma das vertentes desse movimento literário. Para além do romance, as notas de rodapé que constam ao final do livro têm fundamental importância por conta de seu conteúdo etnográfico, “científico”, o que deixa a obra com um teor mais erudito, histórico e pedagógico, o que “legitimava” o conhecimento, sendo de grande importância para esse período basilar e de início de uma cultura brasileira. *Ubirajara* usualmente é visto como a obra que fecha uma suposta trilogia indianista do autor, criando, dessa forma, uma ideia de unidade entre as narrativas; pretende-se levantar questões com um olhar crítico, até por *Ubirajara* abarcar uma relação bastante singular frente às demais: ao apresentar o herói que intitula o livro, o narrador inova ao trabalhar com três etnias indígenas no período pré-cabralino, ou seja, antes da invasão lusitana nos territórios da América do Sul, trabalha com dois narradores no livro como afirma Mirhiane de Abreu (2011), o “narrador contemplativo” e o “narrador histórico”, esse que aparece na parte perigráfica do texto, nas notas, e, além de não ter publicado o romance como folhetim, cria uma nova dinâmica de publicação, diferente daquela estabelecida com as obras 17 e 9 anos antes produzidas. Segundo Alfredo Bosi, em “Um mito sacrificial: o indianismo de José de Alencar” inserido n’A *Dialética da Colonização*, as duas primeiras obras literárias indianistas alencarianas são consideradas fundadoras do romance nacional e se assemelham pelo fato de criarem o mote que pode ser lido como a comunhão dos povos nativos brasileiros com seus “colonizadores”, os apropriadores portugueses e o cristianismo. Já em *Ubirajara* a narrativa é tecida apenas por personagens e espaços nativos, o que nos insere em uma história anterior a Cabral, para que se compreenda os valores dessas etnias que já estavam presentes antes da invasão e da constituição de uma “nação”. O herói surge como um Ulisses tropical que evoca a força de unir povos de diferentes etnias e, desse modo, forja uma única e forte nação. O romance inova ao abarcar como nota de rodapé uma leitura da colonização como uma prática de violência: “Um povo que mantinha as tradições a que aludimos não era certamente um acervo de brutos, dignos do desprezo com quem foram tratados pelos conquistadores. E quando, através de suas falsas apreciações, a verdade pôde chegar até nossos tempos; o que não seria, se espíritos despreocupados e de vistas menos estreitas, vivendo entre essas nações primitivas, se aplicassem ao estudo de suas crenças, tradições e costumes.” (ALENCAR, 2015, p. 137). Isto é, em *Ubirajara* vê-se como o escritor faz questão de mostrar seu

aprofundamento na cultura indígena por meio de seus adendos textuais e a intenção em expor que não foi benevolente o processo de colonização em território nacional, mas sim truculento e fortemente ideológico com suas bases no catolicismo. Nessas notas de rodapé, o escritor aborda temas que ainda são pouco compreendidos na sociedade do século XXI, como a antropofagia, a escravidão segundo esses povos, seus costumes e suas crenças, excluindo a ideia de que esses indivíduos eram “ateus” ou “sem alma”; dessa forma, critica os jesuítas, os etnólogos do passado e os contemporâneos e, de certo modo, suas próprias narrativas anteriores, *O guarani* e *Iracema*, por suas relações de forte intimidade e devoção perante os colonizadores. Como segundo capítulo, procurar-se-á investigar o diálogo entre o objeto de pesquisa, *Ubirajara*, com a antropofagia, buscando nas leituras que foram feitas pelo grupo modernista com essa veia crítica que debochava do pitoresco e do falseamento de cultura brasileira ao se trabalhar com os povos nativos brasileiros: “Contra o índio do tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e Genro de D. Antônio de Mariz” (ANDRADE, 2017, p. 58). Assim, os textos ou notas que foram publicados nas revistas desses escritores modernistas serão absorvidos pela dissertação para que relações possam ser tecidas revelando as contradições desses dois movimentos e onde poderia se encaixar *Ubirajara* e seu escritor que, nessa publicação, inclina-se levemente com os ideais do *Manifesto Antropófago* ao desreprimir os valores e costumes dos povos indígenas que estampavam as páginas dos cronistas estrangeiros; assim, Alencar se alimenta, absorve, do que vem de fora para a formação da literatura nacional, procurando fundamentar uma arte genuinamente brasileira, mesmo “a partir de ruínas e fragmentos” (RAMOS, 2006, p. 131). Como afirma Bernardo Ricupero em *O Romantismo e a Ideia de Nação no Brasil (1830-1870)*: “[...] um pouco mais de trinta anos depois de aportar no Brasil, o romantismo, mais do que se aclimatar, já conseguira fincar raízes bastante profundas no país. Criou-se definitivamente, a partir dele, a literatura brasileira, que pôde produzir um autor como José de Alencar, com a pretensão de pintar um quadro bastante completo da vida de sua sociedade. Talvez ainda mais importante, dessa época em diante, o esforço de Alencar e de outros, de retratar o Brasil, não escapará a críticas que visam sobretudo aquilo que neles é falso e artificial.” (RICUPERO, 2004, p. 178). Para isso, evidenciar a relação de *Ubirajara* em parâmetro com suas críticas será de grande importância para esse estudo. Por fim, como último capítulo da dissertação, a pesquisa se atentará em expor como o movimento indianista brasileiro, tantas vezes enxergado como homogêneo, deu-se por meio de diferentes leituras e perspectivas, revelando suas heterogeneidades, suas singularidades e, se possível, em que lugar o objeto de pesquisa se insere nessa vertente. Ademais, procurar-se-á travar um diálogo entre esse indianismo romântico com as reflexões da estética modernista, que travou uma forte crítica com essas obras românticas e, em especial, com José de Alencar. Contudo, é curioso perceber certas semelhanças entre esses dois estilos: “Não é difícil estabelecer relações entre o Romantismo e o Modernismo, pois possuem vários pontos em comum. Ambos são movimentos de rompimento com as convenções artísticas anteriores, consideradas meras imitações de modelos europeus; ambos procuram valorizar os elementos nacionais; ambos se preocupam com a questão do idioma e da identidade nacional e ambos almejam a atualização da inteligência e da arte brasileiras.” (RIO DOCE, 2019, p. 151), já que para os autores dessa escola posterior a arte deveria ser fruto da tórrida brasilidade com teor identitário e

reflexivo ao que vinha sendo trabalhado. Já a literatura romântica, nesse primeiro momento de assentamento cultural, começou a ser objeto de profundo interesse político e sócio-histórico dos indivíduos que buscavam cimentar a cultura em território brasileiro; os povos indígenas tiveram fundamental papel nessa construção de “ideia de nação” e de pátria. Porém, faz-se interessante ressaltar, de antemão, que essa dinâmica de aclimatação e de cor local, incentivada pelos intelectuais e por Dom Pedro II, procurando encaixar nossa realidade em novos modelos, “[...] com o fim do domínio português, o Brasil tornou-se filho da civilização e da Revolução Francesa [Magalhães 1836a: 149]” (RIO DOCE, 2019, 148), não surgiu de forma autônoma e espontânea dos primeiros escritores desse período, mas sim embasados nos moldes de escritores francófonos que se debruçavam e publicavam largamente acerca dos povos indígenas dos nossos trópicos, como Walter Scott, René Chateaubriand e Ferdinand Denis, autor que publica *l’Histoire du Brésil, suivi du Résumé de l’Histoire de la Guyane* (1835), em que já se exaltavam, ainda que de forma pitoresca, os nativos da América do Sul. Isto é, pode-se apontar que nem mesmo a procura por inserir a cultura indígena foi um fenômeno que partiu dos escritores nacionais como Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e José de Alencar, mas, sim, se deu como um processo de apropriação daquilo que já vinha sendo trabalhado por autores anteriores e de diferentes nacionalidades. Será que se pode ler o romantismo indianista sem associá-lo ao projeto político e ideológico que se amoitava por trás da literatura? Parafraseando Mário de Andrade, no século XX, o romantismo não surge apenas como um estilo, uma arte, mas também como um espírito nacional e político; e por isso fundamental para ser criticado e revisitado pelos escritores da antropofagia.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Mirhiane Mendes de. *Ao pé da página* : a dupla narrativa em José de Alencar. Campinas, São Paulo : Mercado das Letras, 2011.

ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo : Globo : Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Antropófago e outros textos*. Jorge Schwartz e Gênese Andrade – São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

ANTELO, Raul. *Algaravia* : discursos de nação. 2.ed. rev. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

ALENCAR, José de. *Ubirajara*. – 1.ed. – São Paulo : Grua, 2015.

BAREL, Ana Beatriz. *Um romantismo a oeste* : modelo francês, identidade nacional. São Paulo : Annablume : Fapesp, 2002.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. – 52.ed. – São Paulo : Cultrix, 2017.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.

CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira : Origens e Unidade (1500-1960)*. – São Paulo : Editora da USP, 1999.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. V.3 – 3.ed. – Rio de Janeiro : José Olympio; Niterói : UFF, 1986.

LENZ, Thiago. *Um etnógrafo de gabinete : a ficcionalização do indígena em Ubirajara (1874), de José de Alencar*. Dissertação da UFPR (2022). Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/75094>. Acesso: 12 de nov. de 2022.

RAMOS, Ivana Pinto. *Ubirajara : ficção e fricções*. Dissertação da UFMG (2006). Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-6WDRYC>. Acesso: 12 de nov. de 2022.

RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo : Martins Fontes, 2004.

RIO DOCE, Cláudia. Niterói, Revista de Antropofagia e a Literatura Brasileira. In: MONIZ, António Manuel de Andrade. *A trilogia indianista de José de Alencar : identidade e miscigenação*. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/834>. Acesso: 12 de nov. de 2022.

MÜLLER, Christoph (ed.); MUSSER, Ricarda (ed.). *Revistas Culturais no Mundo Lusófono durante o Longo Século XXI*. Lisboa : Edições Colibri / Ibero-Amerikanisches Institut, 2019. p. 145-166.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil : Primeiros registros sobre o Brasil*. – Porto Alegre : L&PM, 2021.

ENTRE RUAS, TERREIROS E DIVINDADES: POR UMA LITERATURA AFRO-RELIGIOSA

James Rios de Oliveira Santos (Doutorado)
Regina Célia dos Santos Alves (Orientador)

5.º semestre

Previsão de defesa: 01/2024

Arguidor anterior: Silvio Cesar dos Santos

Pretos-velhos, Exus, Pombogiras, Orixás, Ialorixás e Babalorixás não são figuras estranhas ao *corpus* da ficção brasileira. Quando representados, são plasmados em terreiros, ruas e em tantas outras paisagens negras que circunscrevem-se, quase sempre, no âmbito das comunidades de matriz africana ou em outros espaços que constituem seus desdobramentos. Do Romantismo à contemporaneidade, isto é, de José de Alencar à Jorge Amado – para sermos mais precisos – esses personagens compuseram o quadro de uma literatura formada sob o tenso espectro da colonização. Literatura esta que não poderia ignorar a presença do negro, embora o dispensasse de maiores atenções e problematizações no âmbito da representação (RABASSA, 1965), (BROOKSHAW, 1983), (GOMES, 1988). Um trabalho de revisão sistemática, que focalize especificamente as representações afro-religiosas na história da produção literária brasileira, está por ser feito, embora se note aqui ou ali publicações esporádicas sobre o assunto. É consenso entre pesquisadores como Gregory Rabassa (1965), David Brookshaw (1988), Heloisa Toller Gomes (1988) e Regina Dalcastagnè (2012) que a representação do negro em nossa literatura é, no mínimo, uma situação problemática. O racismo, que atravessa estruturalmente a sociedade brasileira (ALMEIDA, 2020), paira sobre o tecido ficcional de muitos romances, manifestando-se por meio de estereótipos e expressões preconceituosas explícitas ou latentes. Nesse quadro em que a população negra é, na maioria dos casos, apenas elementos de figurativos, observa-se que as expressões de suas religiosidades também não foram desenhadas com profundo relevo. No entanto, com o surgimento dos Cadernos Negros em 1978, uma Literatura Afro-brasileira tem se apresentado, no entendimento de Eduardo de Assis Duarte (2014), como a expressão de um lugar discursivo constituído por uma visão de mundo que, historicamente, identifica-se à trajetória vivida pelo povo negro brasileiro. Por esta razão, no bojo dessa produção literária – também defendida por outros pesquisadores como Conceição Evaristo (2009), Luiz Silva (2010), Domício de Proença Filho (2013) – é possível observar uma representação da cultura afro-brasileira com contornos mais profundos, em que personagens e paisagens descortinam a complexa vida de uma população que se vê, ainda hoje, resistindo às intempéries sociais cujas origens se assentam no escravismo. A representação das múltiplas vivências negras por escritoras e escritores que se posicionam a partir de pontos de vistas diferentes tem levado diversos pesquisadores a assinalarem os desdobramentos da literatura afro-brasileira. A produção literária de mulheres negras é, a exemplo, uma dessas possibilidades: o conceito de “escrevivência” proposto por Evaristo (2009) tem sido difundido amplamente e, cada vez mais, nota-se que uma gama de pesquisas tem atestado a existência dessa tendência literária negra que se fundamenta nas experiências de vida das

próprias escritoras. Na mesma direção, enquanto estudioso da literatura afro-brasileira, tenho notado que, em diversos gêneros – da crônica ao conto, da poesia ao romance – as religiões de matriz africana não só têm sido representadas como, pela mesma via, têm engendrado a constituição de uma poética afro-religiosa quando em articulação com o pensamento animista (PARADISO, 2020) e com o pensamento-paisagem (COLLOT, 2013). No que se refere ao primeiro, é importante ressaltar que se trata de um pensamento que sustenta, filosoficamente, a cosmovisão de muitos países africanos, principalmente os que se situam na região subsaariana. O animismo, enquanto conceito, dividiu opiniões de diversos estudiosos que buscaram uma interpretação fenomenológica para as práticas culturais (religiosas ou não) de muitas comunidades africanas. Foi Freud, inclusive, um dos teóricos que considerou o animismo como um sistema de pensamento que procura compreender o mundo como uma unidade, a partir de um ponto comum: a crença no *anima* (FREUD, 2013 *apud* PARADISO, 2020a). Em contato com a cultura de alguns países africanos, deve o sujeito ocidental não se estranhar com o fato de que os planos materiais e espirituais se confundem nas práticas cotidianas; o visível e o invisível atuam simultaneamente ordenando a vida dos seres terrestres e dos espíritos; os objetos, plantas e entes naturais possuem força vital, o *anima* (PARADISO, 2020b). As Religiões Tradicionais Africanas, é importante considerar, orientam-se por esses princípios. Cada etnia, com base em sua respectiva tradição, estabelece sua forma de se relacionar com o sagrado, com a natureza, com o espaço e com o próprio grupo. Cultuam-se ancestrais humanos mortos, ancestrais divinizados (orixás, voduns, nkisis, encantados) e tantos outros seres míticos que, assumindo (ou não) características associadas aos elementos da natureza, regem a vida humana. A bem da verdade, as Religiões Tradicionais Africanas, tais quais se configuram no continente africano, não são uma realidade no Brasil. Podemos falar, entretanto, da existência de Religiões de Matriz Africana (candomblé, a macumba carioca, umbanda, quimbanda, o jarê etc.), as quais estabelecem correspondências significativas com os cultos africanos realizados na região subsaariana do continente. Apartados de suas respectivas comunidades, os povos negros escravizados, de diversas etnias (ewe-fon/jeje, ketu, bantu, congo) tiveram que “negociar” suas identidades – tão diversa e múltipla – em uma topografia desconhecida que já contava com o domínio físico e ideológico dos colonizadores portugueses. Topografia esta, aliás, que ficou cada vez mais circunscrita ao espaço do terreiro – local que, em conformidade com as considerações críticas de Muniz Sodré (2019), não deve ser entendido como um mero espaço técnico, suscetível de demarcações euclidianas. Isso porque não se confina no espaço visível, funcionando na prática como um “entrelugar” – uma zona de interseção entre o invisível (orum) e o visível (aiê) – habitado por princípios cósmicos (orixás) e representações da ancestralidade (exus, pombogiras, encantados etc.) à espera de seus “cavalos”, isto é, de corpos que lhes sirvam de suportes concretos (SODRÉ, 2019). Dessa forma, as paisagens do terreiro, da natureza - para os candomblecistas - e das ruas - sobretudo para os umbandistas e quimbandeiros - se constituem como elementos cruciais para manifestação do *ethos* cultural dessas comunidades de matriz africana, que, diga-se de passagem, orientam-se, com suas devidas proporções, a partir da cosmovisão animista. Observa-se, nestes casos, que a relação entre os sujeitos-personagens com tais espaços não se dá a partir de uma perspectiva

exteriorizada, objetiva ou esvaziada de sentidos. Trata-se, ao contrário, de relação marcada por experiências profundas e complexas, em que sujeito e espaço são entes indissociáveis, compondo uma só paisagem. Dessa forma, essa paisagem só efetiva à medida em que o sujeito percebe o espaço e, percebido, organiza os sentidos apreendidos pelos órgãos sensoriais e passa a interpretá-lo social e culturalmente a partir de suas experiências afro-religiosas. Diante do exposto, esta pesquisa avança a hipótese da existência de uma literatura afro-religiosa que opera no âmbito da literatura afro-brasileira, tornando-se uma vertente desta. Esta hipótese se justifica na medida em que as obras a serem enquadradas nessa classificação apresentam, sobre o tecido ficcional, o *ethos* cultural de diversas comunidades afro-diaspóricas que manifestam sua fé por meio de religiões de matriz africana. É importante ressaltar que não se trata, aqui, de uma literatura dogmática ou proselitista. Ao contrário, advoga-se a favor de manifestações estético-literárias assentadas nas filosofias que orientam o modo de compreender o mundo dessas comunidades religiosas e, por extensão, de seus membros-personagens. Para condução desta pesquisa foram eleitas para análise oito obras literárias contemporâneas, de diferentes gêneros e destinadas a públicos distintos. Ei-las: *Torto Arado* (romance), de Itamar Vieira Júnior; *As Ayabás do Rei* (romance), de Cléo Martins; *O corpo encantado das ruas* (crônicas), de Luiz Antônio Simas; *Um Exu em Nova Iorque* (crônicas), de Cidinha da Silva; *Axés do sangue e da esperança* (poesia), de Abdias do Nascimento; *Água negra e outras águas* (poesia), de Lívia Natália; *Omo-obá: histórias de princesa* (narrativa infantojuvenil), de Kiusam de Oliveira; *Os ibejis e o carnaval* (narrativa infantojuvenil), de Helena Teodoro. No que concerne aos procedimentos metodológicos deste trabalho, cumpre ressaltar que este se situa no âmbito da pesquisa bibliográfica, uma vez que propõe atestar uma hipótese por meio de referenciais teóricos publicados (BOCCATO, 2006). Para tanto, estão realizadas leituras atinentes às teorias do pensamento-paisagem, por meio de fichamentos de textos teóricos e críticos de Antonio Dimas (1985), Anne Cauquelin (2007), Augustin Berque (2009), Maurice Merleau-Ponty (2006), Michel Collot (2012 e 2013), Muniz Sodré (2019), Yi-Fu Tuan (1983), dentre outros pesquisadores que, eventualmente, possuem contribuições nesse campo de discussão. Após assimilar com mais profundidade a teoria da paisagem, buscar-se-á realizar uma revisão dos estudos relacionados ao pensamento animista e, também, às religiões tradicionais africanas e afro-brasileiras, com a qual temos razoável afinidade, em virtude das pesquisas realizadas anteriormente. Nessa seara teórica, serão revisados os postulados críticos de Roger Bastide (1978), Pierre Verger (2002), Erin Kimmerle (2006), Reginaldo Prandi (2010), Tabita Wittiman (2012), Sílvio Paradiso (2020a) (2020b), dentre outros. Realizadas as leituras dos pesquisadores mencionados acima, procederemos à releitura e ao fichamento das obras tomadas como objetos de investigação. Cumprida esta etapa, a hipótese deste projeto será atestada mediante a análise das obras. A pesquisa se encerrará com a produção escrita da tese (e de suas importantes avaliações), que terá como conteúdo as reflexões de um estudo – declaradamente aberto – que enseja contribuir com a revisão da produção cultural na academia e, sobretudo, com os estudos da literatura de autoria negra.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Regina Célia dos Santos. “A paixão pela natureza e a busca pelo reencantamento do mundo: as paisagens de Fagundes Varela e Sousândrade”. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 46 (3): p.1112-1123, 2017.

ALVES, Regina Célia dos Santos. “Movimentos da paisagem na poesia de João Cabral de Melo Neto. *Convergência Lusíada*. Rio de Janeiro. n.41. p.163-173. jan-jun. 2019.

BASTIDE, R. O Candomblé da Bahia. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiróz. 2. Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

BERQUE, Augustin. *El Pensamiento Paisajero*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2009.

BOCCATO, Vera Regina Casari. “Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação”. *Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins, 2007.

CLAVAL, Paul. *Geografia Cultural*. Florianópolis: EDUSC, 1999.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Organização da tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

COLLOT, Michel. “Pontos de vista sobre a percepção de paisagens”. In: NEGREIROS, Carmem; LEMOS, Masé; ALVES, Ida. *Literatura e Paisagem em Diálogo*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Entre silêncios e estereótipos: as relações raciais na literatura brasileira contemporânea”. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, nº 31. Brasília, janeiro-junho de 2008.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*. São Paulo: Horizonte, 2012.

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

KIMMERLE, H. The world of spirits and the respect for nature: towards a new appreciation of animism. In: *The Journal for Transdisciplinary Research in Southern Africa*, n. 2, v2: 15, 2006.

MARTINS, Cléo. *As Ayabás do Rei*. 1 ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MUNANGA, Kabengele. "Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso" In: *Revista da ABPN*, Ouro Preto, vol. 4, n.8, p.06-14, 2012.

NATÁLIA, Livia. *Água Negra*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2011.

OLIVEIRA, K. *Omo-oba: histórias de princesas*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

PARADISO, S. R. "As religiões tradicionais africanas e as literaturas africanas". *Revista África e Africanidades*. nº 36, nov. 2020a.

PARADISO, S. R. "O realismo animista e as literaturas africanas: gênese e percursos". *Revista Interfaces*. v. 11, n.2, 2020b.

PRANDI, R. *Herdeiras do axé: sociologia das religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Hucitec, 1996. P.139-158.

PRANDI, R. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PRANDI, R. Coração de Pombagira. In: *Esboços: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Arte* v. 17, n. 23, p. 141-149, 2010.

RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira*. Trad: Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

SILVA, Cidinha da. *Um exu em Nova Iorque*. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

SILVA, Maria Nilza; PANTA, Mariana. *Território e segregação urbana: o lugar do negro na cidade*. Londrina: Eduel, 2014.

SILVA, Luiz. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade: a forma social negro brasileira*. 3 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2019.

SOUZA, Jessé de. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periféricas*. 2 ed. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2012.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

VAN DIJK, Teun. *Racismo e Discurso na América Latina*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

VERGER, P. F. *Orixás deuses Iorubás na África e no novo mundo/ tradução Maria Aparecida da Nóbrega*. 6ª. Ed. Salvador: Corrupio, 2002.

VIEIRA JUNIOR, I. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2020.

WOODWARD, K. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual".
In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed.
Petrópolis: Vozes, 2014.

OS ESPAÇOS DA MEMÓRIA, DO LUTO E A CONSTRUÇÃO NARRATIVA EM *TODOS OS SANTOS* (2019), DE ADRIANA LISBOA

Jeniffer Thalia do Prado da Costa (Mestranda)

Luiz Carlos Migliozi (Orientador)

3.º semestre

Previsão de defesa: 2023/1

Esta pesquisa tem o objetivo de realizar um estudo da obra *Todos os Santos* (2019), da escritora Adriana Lisboa, sob a perspectiva da memória, do luto e seus desdobramentos. Este romance apresenta, por meio do plano da memória da narradora-protagonista, Vanessa, a anamnese da trágica morte de seu irmão ocorrida aos nove anos de idade, em decorrência de um afogamento na piscina de um clube, no dia de todos os santos. A imagem da morte, o luto vivido e o trauma se fazem presentes em toda a narrativa, como fio condutor dessa memória afetiva, a partir da qual a narradora vai descortinando o passado e as suas relações afetivas com as outras personagens, que viveram junto com ela essa tragédia. Ao lado de André, seu parceiro de anos, que conheceu na primeira infância por meio de seu irmão Mauro, Vanessa alça novos voos, debruçando-se aos estudos de aves migratórias, em Nova Zelândia. Em decorrência do adoecimento de seu pai, no Brasil, a narradora-personagem volta ao lugar em que passou grande parte de sua adolescência, e passa a rememorar todos os acontecimentos tristes e felizes que viveu ao lado da dele, da mãe, da madrasta, do padrasto e dos irmãos postiços, bem como os momentos que não pôde viver ao lado do irmão. Nesta viagem, Vanessa tem a grande revelação de sua vida, que fez com que tudo a desestabilizasse e revivesse o seu grande trauma: o culpado pela morte do irmão é André, que o empurrou na piscina e causou a morte dele. Diante disso, podemos observar que estamos diante de uma história marcada pelo trauma. Essa relação entre memória, luto e trauma está embricada em todo o ser humano, uma vez que, segundo Freud (2011), somos constituídos por eles. A memória é um dos temas mais rentáveis no interior das ciências humanas, das artes e, particularmente, da literatura, para aferir as relações sociais, a formação das ideologias, a construção da experiência literária, “ligando-se estreitamente aos meios de vida, à organização social, e representando uma nítida sublimação de normas, valores e tradições”. (CANDIDO, 2014, p.65). Seja a memória legitimada pelo discurso histórico ou pela imaginação criadora própria à literatura, confirma no sujeito um arquivo de lembranças e de afetos que são carregados durante toda a experiência, sentida das mais diversificadas formas, já que “recordar, repetir e elaborar são singulares, funcionando de modo diferente e variado para cada sujeito” (FERRARINI e MAGALHÃES, 2014, p.115). Desde a infância, marcada pelo início do ciclo vital, até a velhice, a linha finda, o tempo de todos os balanços, os sujeitos (históricos e estéticos) testemunham e conservam as etapas e ritos de passagem, do amadurecimento, da experiência trágica da perda, do luto, formando um dossiê de lances felizes e iluminados, contrapondo-se a eventos de dor e de infelicidade. No limite, o sujeito é circunscrito pelos seus traumas, assim como todos os personagens envolvidos na história de Vanessa. A memória, quando considerada no interior do universo romanesco de *Todos os santos*, caracteriza a formação da subjetividade da narradora-personagem. É por

meio do discurso memorialístico que a narradora-protagonista imprime a sua busca incessante de “escrivência” (EVARISTO, 2017), em que o tempo e os diferentes espaços pelos quais transitou se transformam em matéria narrada. Neste sentido, podemos observar a busca incessante de Vanessa para recuperar os momentos que desencadearam a sua situação atual e a necessidade de compreender como as circunstâncias a transformaram em uma mulher marcada pelo trauma, pelo vazio existencial e pelo luto eterno e duplo: por Mauro, o irmão morto ainda na infância e, o objeto de amor perdido, André, após a revelação do envolvimento no momento fatídico e o abandono dele posteriormente. A memória, tomada como uma das características em evidência na literatura contemporânea brasileira, constrói personagens marcados por traumas que se desencadeiam por meio de um processo chamado identidade pessoal, essa em que o indivíduo instaura “sua identidade contínua através da lembrança de seus pensamentos e atos passados.” (WATT, 2010, p. 22). Essa lembrança de atos passados faz com que o sujeito rememore alguns momentos que marcaram sua constituição, levando-o a reviver, por exemplo, perdas impactantes, como é o caso da personagem Vanessa, que, em vários momentos da narrativa, resgata a imagem da morte de seu irmão mais novo: “No meio daquele alvoroço que se seguiu (foi tudo tão depressa, tudo aconteceu tão de repente, céus!) você e ela ainda devem ter podido ver os adultos desesperados, histéricos, tirando o corpinho mole do meu irmão de dentro da piscina.” (LISBOA, 2019, p. 17). Conforme aponta Bergson (1999), a noção de causa e efeito, refletida por meio da memória, nos constituem como pessoa. Com isso, muitos romancistas, conforme aponta Ian Watt (2010), exploram a personalidade de alguns personagens conforme a sua percepção entre o passado e o presente. É por meio dela que a personagem do romance em questão reflete sobre suas impressões de tempo, como ocorre no do dia de todos os santos, marcado pela morte. Como já apontado, a memória é o fio condutor de todo o processo narrativo no romance em questão. Dessa forma, pode-se considerar que a mais importante expressão em relação à memória “seja a sensação de proximidade que as lembranças passadas trazem ao ser.” (QUEIROZ, 2008, p. 367). Em todas as passagens que Vanessa relembra as fases em que viveu no Rio de Janeiro e, no presente da narrativa, em Nova Zelândia, ela estabelece uma proximidade com tudo àquilo que ela considera ter perdido: a vida que não teve ao lado do irmão e a vida construída ao lado de André. A relação entre a perda de algo que não chegou a ter e a de que teve de fato é revisitada pela personagem por meio das lembranças-imagens: o que foi e não concretizado. Todas essas lembranças surgem como “uma ajuda, um benemérito, emergindo a consciência por uma necessidade do espírito em se manter como existente” (QUEIROZ, 2008, p. 368), ou seja, o fato de lembrar deriva da necessidade de manter vivo o que já se tornou findo. A angústia marcada pelas lembranças torna o sujeito dependente de reviver momentos que causam dor e melancolia, como ocorre com Vanessa, que sente urgência em resgatar as imagens do tempo vivido e não vivido até o presente como matéria narrativa. O luto, que caminha juntamente com o trauma e está associado às memórias da personagem, não é limitado apenas à morte de alguém, mas também diz respeito às sucessivas perdas simbólicas durante o processo existencial de um sujeito. Para Freud (2011), o luto é caracterizado pela perda entre uma pessoa e seu objeto, um fenômeno considerado natural no processo de desenvolvimento humano. O ciclo do crescimento, ou seja, o amadurecimento psíquico, faz com que, desde a tenra

idade, adaptamo-nos a uma nova realidade, que será preenchida por perdas constantes. O romance *Todos os santos* encena como a constituição do sujeito está interligada à memória como marca da subjetividade que cada um carrega, essa que é marcada por diversas perdas e traumas, uma vez que somos seres circunscritos pela ausência de algo ou de alguém. Tudo um dia falta, e a rememoração dessa falta faz com que haja momentos em que nos percamos diante a penosa dor de ser quem somos.

BIBLIOGRAFIA

BERGSON, Henry. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANDIDO, Antonio. “Estímulos à criação literária”. In:_____. **Literatura e sociedade**. 13.ed. Rio de Janeiro, 2014, p. 51-82.

FERRARINI, Pâmela Pitágoras Freitas lima. MAGALHÃES, Lívia Diana Rocha. **O conceito de memória na obra freudiana: breves explanações**. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 109-118, jun. 2014.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LISBOA, Adriana. **Todos os Santos**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

QUEIROZ, Carlos Eduardo Japiassú. A escritura da memória com fundamento identitário do eu. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 10, n. 12, p. 364-387, 2008.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

A SAÚDE DOS SIGNIFICADOS: ESTUDO DOS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO EM UM PLANETA FERIDO

Kaedmon Sellberg (Doutorado)
Frederico Augusto Garcia Fernandes
3.º semestre
Previsão de defesa: 01/2025
Primeira arguição

No começo de 2018, a atual pesquisa de doutorado, uma discussão teórico-prática sobre a relação entre saúde emocional e significados, começou a ser delineada a partir da pergunta: *como viver uma vida que vale a pena ser vivida em um planeta ferido?* A pergunta fomenta a dissertação escrita durante os anos de 2019-2022 intitulada *A saúde dos significados*. A pesquisa dissertou sobre uma relação crítica entre a teoria das molduras relacionais (*relational frame theory*, abordagem para linguagem e cognição da ciência comportamental contextual, HAYES, 2001) e as discussões de Derrida encontradas em *Gramatologia* (2017), base à teoria da desconstrução. Enquanto a teoria das molduras relacionais discute o comportamento verbal de relacionar estímulos e eventos arbitrariamente aplicados em categorias abstratas chamadas de molduras, sobre quais o comportamento responde relacionalmente, Derrida discute o caráter logocêntrico da cultura ocidental, o comportamento e uma história específicas de responsabilizar o *logos* pela verdade absoluta das coisas. A dissertação delineou convergências e diferenças e, sobretudo, argumentou que, pela relação entre teorias, era possível pensar a linguagem como *uma rede referencial ou rede relacional de significantes que se relacionam de forma a expressar um significado, sentido de vida, influenciado por uma arqui-escritura* (termo derridiano), resumido aqui como “o texto antes do texto” (SELLBERG, 2021). A função da rede de significantes é presentificar uma relação ideológica, psicológica, entre sujeito e ambiente, que intermedia sua relação com a realidade. Por fim, argumentou-se que a rede de significantes não reflete a literalidade da experiência em curso (experiência da carne, do corpo, dos sentidos), mas, justamente devido ao caráter logocêntrico da cultura ocidental, o sujeito responsabiliza uma intermediação com as coisas como a literal medida das coisas (SELLBERG, 2021). A dissertação termina com resultados preliminares: uma aplicação da relação abordada em um conto de ficção científica “Uma vidara ontológica” (ZUIN, 2018), narrativa que discute uma transformação ontológica do sentido de Ser e sua nova relação existencial com a vida. Durante a banca de qualificação, argumentou-se a possibilidade de: a) usar a relação como um instrumento de análise literária que visa observar os sentidos que personagens e/ou narradores atribuem às coisas, e como personagens solucionam conflitos relativos a significados e sentidos no decorrer de uma obra. A pesquisa de doutorado continua de onde termina a qualificação de mestrado: busca registrar, discutir, padrões de resolução de conflitos relativos a significados e sentidos no decorrer de uma narrativa, *com um contexto de significação analisado mais restrito*: a cultura e desenvolvimento social de Londrina. Como objetivo de pesquisa do doutorado, portanto, são observadas questões relacionais à significação em território londrinense, representação de londrina e/ou do norte do paraná, a significação da história de londrina e/ou

padrões encontrados entre sujeitos londrinenses, nascidos ou moradores, para resoluções de conflitos relativos à significados e sentidos da vida no contexto do desenvolvimento urbano. O termo “em um planeta ferido”, de fato, faz referência às consequências, ora benéficas, ora malélicas, das narrativas de desenvolvimento urbano, capital, global, discussões abordadas em obras como *Arts of living on a damage planet* (TSING, 2017), *Staying with the trouble* (HARAWAY, 2016), *O Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos* (ACOSTA, 2016) e *Pluriverso* (KOTHARI et al, 2021), assim como obras específicas que tratem da história de colonização de Londrina, até seu desenvolvimento atual, como em *Lições de Desenvolvimento*, de Ivan Dias (2021). *Corpus* de análise literária incluem *Terra Vermelha* (PELLEGRINI, 1998), *Mulheres Esmeraldas* (PELLEGRINI, 2018), *Apenas Três Palavras* (BACCARIN-COSTA), *O Lugar das Cinzas* (FABIANI, 2022), entre outros. Optou-se por aplicar o modelo no estudo de novelas e romances por situar um ou mais personagens centrais na resolução de um conflito principal (uma tensão dialética), por meio da transformação de perspectivas dos personagens, narrador ou até do próprio leitor (ASSIS BRASIL, 2019, 125-128). A “tensão dialética” é abordada pela própria derivação de sentidos e significados que contradigam a rigidez dialética da linguagem e do processo de literalização, relativizando verdades dicotômicas que organizam a diegese literária. Um dos motivos de abordar o contexto de desenvolvimento urbano é uma observação de que enquanto uma realidade verbal e enquanto uma realidade material, o fenômeno do desenvolvimento reforça o uso de palavras, símbolos e significados como medidas literais das coisas, inclusive do *self*. Com apoio da fortuna crítica relativa ao “planeta ferido”, observa-se processos por quais sujeitos criam “modos de viver e fazer histórias”, até um interesse ideológico pela vida, em contextos de relativização do bem-viver e literalização das narrativas sobre o que seria considerado um bem-viver. Para apresentação de resultados preliminares, cito exemplos da *Terra Vermelha* (1998) de Domingos Pellegrini. Ao longo da obra, diversos provérbios populares são usados para justificar, significar, uma dada situação ou dado tipo de sujeito social (“O primeiro prato mata a gente de fome, o segundo mata a gente”, p. 15; “a graça da vida é o trabalho, o trabalho do velho é o baralho”, p. 21; “o maior é perigo é não ter amigos”, p. 30; “Malandro tem que aprender, mas otário já nasce feito...” p. 131; “A vida passa, mas a arte fica”, p. 131; “o esperto ri e o bobo chora”, p. 131”). Os provérbios servem como uma arquiescritura do conhecimento que rege o povo do tempo, aplicados em contextos de relação entre imigrantes de diferentes localidades internacionais, nacionais. É o momento da literalização do símbolo – o provérbio – e, muitas vezes, aplicados nas situações relativas ao desenvolvimento do norte do Paraná, os provérbios são reforçados como verdades literais que organizam o mundo. Tal é o caso de “o esperto ri e o bobo chora”, usado pelo açougueiro para tirar sarro do seu ajudante, José (vô Nono), enganado por um artista que trazia a arte cinematográfica para Ourinhos. A des-literalização ocorreria durante a confabulação familiar sobre a vida de Nono. Ao contextualizar as ações de Nono, relacionando-as ao presente, o nível da enunciação narrativa abre para leituras contextuais da significação. Por exemplo: observar quais eram as variáveis daquele contexto que regulavam os dizeres proverbiais. E, pela relação dêitica que se cria entre “aquele tempo” e seu presente, a narrativa aponta para uma variação do processo de significação relativo ao contexto de enunciação. O que se observa, a partir dessas análises, é um dilema no processo de

desenvolvimento: como base de propaganda do seu desenvolvimento urbano, existia a ideia de que a vida seria curada ao invés de ferir-se. Agentes do desenvolvimento jamais ofereceriam formas de bem-viver em contextos aversivos uma vez que, como princípio narrativo, o seu desenvolvimento já é a própria chave para o bem-viver. Naturalmente, os sujeitos dependeriam do seu conhecimento arquiescrito (como os provérbios populares), anteriores ao desenvolvimento, para se intermediar em uma nova geografia emocional, social, no Norte do Paraná. Como objetivo futuro dessas análises, busca-se compreender, de maneira mais clara, quais valores verbais são responsáveis por, por exemplo, manter José/Nono em uma jornada pela vida apesar de, como diz o próprio personagem, “Eu não sou feliz comigo mesmo” (p. 134).

BIBLIOGRAFIA

ACOSTA, Alberto. **O Bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução Tadeu Breda. São Paulo: editora elefante, 2016.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. **Escrever ficção**: um manual de criação literária. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble**: making kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução Pê Moreira; revisão técnica e posfácio Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HAYES, Steven C. **Terapia de aceitação e compromisso**: o processo e a prática da mudança consciente. Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica: Mônica Valentim. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.

HAYES, Steven C. **Terapia cognitivo-comportamental baseada em processos**: ciência e competências clínicas. Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica: Wilson Vieira Melo. Porto Alegre: Artmed, 2020.

KOTHARI, Ashish; SALLEH, Ariel; ESCOBAR, Arturo; DEMARIA, Federico; ACOSTA, Alberto. Prefácio. In: KOTHARI, Ashish; SALLEH, Ariel; ESCOBAR, Arturo; DEMARIA, Federico; ACOSTA, Alberto. (Orgs). **Pluriverso**: um dicionário do pós-desenvolvimento. Tradução Isabella Victoria Eleonora. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

LUCENA-SANTOS, Paola; PINTO-GOUVEIA, José; OLIVEIRA, Margareth da Silva. **Terapias comportamentais de terceira geração**: guia para profissionais. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.

OSHIRO, Claudia Kami Bastos; FERREIRA, Tiago Alfredo da Silva (orgs.). **Terapias contextuais comportamentais**: análise funcional e prática clínica. Santana de Parnaíba, Sp: Manole, 2021.

PELLEGRINI, Domingos. **Terra Vermelha**. São Paulo: Moderna, 1998.

SELLBERG, Kaedmon. **A saúde dos significados**: flexibilidade psicológica em uma virada ontológica. 2021. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

SVAMPA, Maristella. A crítica latino-americana ao desenvolvimento. In: KOTHARI, Ashish; SALLEH, Ariel; ESCOBAR, Arturo; DEMARIA, Federico; ACOSTA, Alberto (Orgs). **Pluriverso**: um dicionário do pós-desenvolvimento. Tradução Isabella Victoria Eleonora. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Arts of living on a damage planet**: ghosts of the Anthropocene. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no antropoceno. Tradução Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

MASCULINIDADES NEGRAS E A LITERATURA BRASILEIRA: À LUZ DE ROMANCES MENOS CANÔNICOS DA DÉCADA DE 1930

Lucas Matheus da Silva de Carvalho (Mestrado)

Luiz Carlos Santos Simon (Orientador)

3.º semestre

Previsão de defesa: 2023/01

O trabalho que me proponho a desenvolver como dissertação de mestrado envolve, em seu escopo temático, as masculinidades negras. Considerando a pluralidade desse conceito, tendo em vista aspectos interseccionais como as categorias de raça e gênero, utilizo como principal aporte teórico os textos de Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), que discorrem a respeito da interseccionalidade como uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e da experiência humana. Também, os textos de Connell (2005; 2013), que concebem como uma investigação teórica e empírica o estudo da lógica e das complexidades internas das masculinidades, no interior da estrutura de gênero e na sua relação com outras estruturas sociais como a origem étnica, a raça e a classe. Por fim, os escritos de Custódio (2019), Faustino (2019) e Restier (2019), que versam sobre masculinidades negras a partir da categoria de sujeição, e, sobre as diferenças no meio das experiências e relações de poder entre homens negros em nossa sociedade. Essas questões não são tão comuns nos estudos de narrativas literárias, todavia produzidos por homens. Diante disso, a partir de discussões levantadas no projeto de pesquisa Reconstituições dos homens: entre o debate teórico e a literatura, e, vinculado à linha de pesquisa Construções e processos identitários, este trabalho tem por objetivo geral, estabelecer as relações entre a literatura brasileira e os estudos das masculinidades (SIMON, 2016), em específico as masculinidades negras, visando os romances menos canônicos publicados no século XX, estritamente na década de 30. A decisão de concentrar meus estudos em romances de 30 foi tomada após alguns procedimentos: a) levantamento de romances menos canônicos do século XX; b) verificação da existência de personagens que fossem homens negros em romances menos canônicos publicados no século XX. Notou-se que a maioria dos personagens, que se enquadravam no recorte, eram de romances publicados na década de 30, culminando assim, com a decisão de estabelecer um recorte na década supracitada. Acerca dos alicerces teóricos para abordagem do romance de 30, nossa escápula se dá com a obra de Luís Bueno, *Uma história do romance de 30*, (2015), e com a obra de José Hildebrando Dacanal, *O romance de 30*, (2018), os quais são textos críticos e historiográficos de grande valor, na medida em que apresentam uma leitura abrangente do que se escreveu naquela década e analisam algumas das mais importantes obras do período, mas que não apontam referências as masculinidades e suas subjetividades. Nesse sentido, no processo de elaboração da dissertação definimos, ainda, o nosso escopo literário, qual seja: *Navios Iluminados*. Este romance foi publicado em 1937, por Ranulfo Prata (1896-1942), sendo seu último livro publicado. Sua narrativa se passa majoritariamente em Santos-SP, e conta a história de Severino, imigrante nordestino que deixa sua família e sua pequena propriedade rural para buscar trabalho em Santos. O personagem principal e sua família, mesmo possuindo

um pequeno pedaço de terra, vive de um pauperismo e passa por dificuldades financeiras. Esse retrato de homens pobres é comum na literatura de Ranulfo Prata, uma vez que este e outros romances do autor tem um fundo trágico, apresentando sofrimento e revolta dos personagens. O apelo social é forte nesta obra, e apresenta outro personagem que também vive em condições de pobreza como a de Severino, que é Felício, ambos os personagens trabalham nas Docas de Santos. É sobre Felício, que versaremos um olhar neste trabalho, por tratar-se de um homem negro. Felício é um personagem que atua num plano secundário, mas, que possui grande importância para o desenvolvimento da narrativa, uma vez que dispõe de um senso político e social essenciais para se pensar a sociedade de sua época e que pode, ainda, ser visto como um personagem perigoso aos burgueses que empregam os trabalhadores das Docas. Isto posto, cabe mencionar que optei pela subdivisão da dissertação em três capítulos, sobre os quais disserto a seguir. O primeiro capítulo cujo título é “Colocando os pingos nos is: reflexões teóricas sobre os estudos das masculinidades e homens negros”, dedica-se a considerações de caráter introdutório acerca da conceituação de masculinidades, bem como reflexões a respeito das convergências e contrapontos teóricos no tocante aos estudos sociais das masculinidades, a partir da abordagem de gênero. Posteriormente, no mesmo capítulo há, sobretudo, uma abordagem aos atravessamentos e subjetividades das masculinidades, dialogando com nosso escopo temático. Por isso, apresento dois subcapítulos, nomeados como 1.1 “Homens negros e masculinidades: interseccionalidade entre raça e gênero”, em que proponho situar o leitor em relação a interseccionalidade como ferramenta analítica nos estudos sobre masculinidades, que surge para discutir as outras formas de ser homem e que fogem da forma hegemônica, tendo a abordagem de gênero como estrutura organizadora da prática social, bem como, sua interação com outras estruturas sociais como raça e classe (COLLINS; BILGE, 2021), e subcapítulo 1.2 “Homens negros e masculinidades: estudos literários e outros estudos”, em que aspiro expor abordagens das masculinidades negras em estudos literários, focalizando como a literatura propõe diferentes formas de ser homem. Já no segundo capítulo, intitulado como “Homens negros nos romances brasileiros: breve percurso histórico” tenho em vista a exibição do levantamento de estudos literários sobre homens negros na literatura brasileira. Elencamos aqui, romances canônicos evidenciando o modo como se dava tais representações e de que forma a crítica literária as via. Por fim, no terceiro capítulo, intitulado como “O romance brasileiro de 30: à luz das masculinidades negras”, evidenciaremos a caracterização do romance de 30 e suas contribuições para a literatura brasileira. A partir do caráter social dos romances de 30, pretendemos ainda, analisar e refletir o personagem masculino e negro, de um romance menos canônico, qual seja: Felício, de *Navios Iluminados*. Tal análise não busca esmiuçar o romance compreendendo suas variadas possibilidades de abordagem, mas se concentrar sobre o enfoque desta pesquisa, lançando o olhar aos aspectos que envolvem, mais especificamente, as masculinidades negras, desvendando mitos sobre a masculinidade expressa no personagem e refletindo sobre seu entendimento enquanto homem em uma sociedade santista da década de 30.

BIBLIOGRAFIA

Sobre estudos de masculinidades:

BOLA, JJ. **Seja homem:** a masculinidade desmascarada. Tradução de: Rafael Spuldar. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. **Falas de homens:** a construção da subjetividade masculina. 2ª. Edição. / Georges Daniel Janja Bloc Boris. São Paulo: Annablume, 2011. 428 p.

CAETANO, Márcio; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva Junior. Roda de homens negros: masculinidades, mulheres e religião. *In:* CAETANO, Márcio; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva Junior. (org). **De guri a cabra-macho:** masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2018. p. 190-211.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021. 287 p. (*Intersectionality*)

CONNELL, R. W. **Masculinities.** 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica:** repensando o conceito. Estudos feministas, vol. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

hooks, bell. **Anseios:** raça, gênero e políticas culturais. Tradução de Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019. 448 p.

hooks, bell. **A gente é da hora:** homens negros e masculinidade. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022. 272 p.

hooks, bell. Reconstruindo a masculinidade negra. *In:* hooks, bell. . **Olhares negros:** raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante: 2019. p. 166-209.

PINHO, Osmundo. O sacrifício de Orfeu: masculinidades negras no contexto da antinegitude em Salvador. *In:* CAETANO, Márcio; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva Junior (org.). **De guri a cabra-macho:** masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2018. p. 146-173.

RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de. **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades.** São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. 232 p.

VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade:** experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

Sobre estudos literários:

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BROOK, David. **Raça & cor na literatura brasileira**. Tradução de Marta Kirsti. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. 266 p.

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidade**. 1. ed. 1 reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, v. I.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: São José, 1959.

DACANAL, José Hildebrando. **O romance de 30**. 4ed. Porto Alegre: BesouroBox, 2018.

LUFT, Gabriela. WELTER, Juliane. As personagens negras na literatura brasileira oitocentista: os quadros da escravidão de Joaquim Manuel de Macedo. **Terra Roxa e outras Terras**: Revista de Estudos Literários, Londrina, v. 17-b, p. 6-17, dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17B/TRvol17Ba.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: do realismo à belle époque**. São Paulo: Cultrix, 2016.

NEJAR, Luis Carlos Verzoni. **História da literatura brasileira: "eppur si muove!"**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2007.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira . **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. **Estação Literária**, Londrina, v.16, p. 8-28, jun., 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL16-Art1.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

Romances:

AMADO, Jorge. **Jubiabá** (1935). 11 ed. São Paulo: Martins, 1961.

- AMADO, Jorge. **Mar morto** (1936). São Paulo: Martins, 1969.
- AMADO, Jorge. **Capitães de areia** (1937). São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 2008.
- FERRAZ, Enéas. **Adolescência tropical** (1934). São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1978.
- FONTES, Amando. **Rua do Siriri** (1937). São Paulo: Edições de Ouro, 1937.
- LIMA, Jorge de. **A mulher obscura** (1939). Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939.
- MINAS, João de. **A mulher carioca aos 22 anos** (1934). Rio de Janeiro: Dantes, 1999.
- PENNA, Cornélio. **Dois romances de Nico Horta** (1939). Rio de Janeiro: Artium, 2000.
- PRATA, Ranulfo. **Navios Iluminados** (1937). 5.^a ed. São Paulo: COM-ARTE, Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- REGO, José Lins do. **Riacho Doce** (1939). 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 278.
- REGO, José Lins do. **Usina** (1936). 20a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. E-book.
- VERÍSSIMO, Érico. **Um lugar ao sol** (1936). Globo, 1976. E-book.
- VERÍSSIMO, Érico. **Doidinho** (1933). 47a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. E-book.

REGISTROS DO FUTURO: ESCRITA ÍNTIMA E REGISTROS EM LITERATURAS DE INSCRIÇÕES DISTÓPICAS

Marcelo Felipe Garcia (Mestrado)
Telma Maciel da Silva (Orientadora)
3.º semestre
Previsão de defesa: 2023/01

A literatura distópica tem sua definição recorrentemente atualizada como é possível observar em uma análise diacrônica da teoria da distopia. Derivada dos estudos da Utopia, inicialmente era denominada como anti-utopia, tendo como um dos maiores percursores desse nome Krishan Kumar em sua obra *Utopia and anti-utopia in modern times* (1987). Nela, o autor aponta as tendências do conceito de utopia que eram estendidos para além da literatura, chegando nos campos da filosofia, sociologia e psicologia. Da mesma forma, discorre sobre os descontentamentos de uma classe burguesa que via apenas o lado negativo dessas ditas utopias e se propunham a realçar o que nelas haviam de pior, formando assim o que ele chamou de anti-utopia. Apesar de elucidador, Kumar falhou em perceber uma corrente diferente de subversão da utopia, que apesar de construir um cenário desolador, tinha como princípio a preservação da esperança: “Assim, quando chega ao surgimento do que eventualmente será considerada a ‘distopia clássica’ [...] Kumar não compreende ou relata devidamente a qualidade utópica subjacente dessa nova estratégia textual.” (MOYLAN, 2016, p.60). As distopias clássicas, então, surgem como uma forma de apontar para tendências perigosas a quais rumavam uma determinada sociedade, mas não de uma forma determinista, e sim com uma possível escapatória, ou uma luz que faz brilhar a utopia viável, até mesmo dentro da circunstância mais catastrófica. Surgem, depois das clássicas, as chamadas distopias críticas, que fazem o papel de criticar a sociedade bem como a tradição distópica de literatura. Essa nova modalidade incorpora teorias feministas e de cunho raciais, tecendo críticas não só generalistas, mas podendo ter muito mais acuidade no que miram criticar (MOYLAN, 2016, p.141). Até mesmo hoje em dia, esse gênero é volátil, construindo uma nova tendência onde o distanciamento temporal entre a obra distópica e a publicação dessa não é tão grande; ou a história se passa no presente, como é o caso da série *Ruptura* (2022) que tem um preceito distópico, mas não é futurístico. Para dar conta dessa multiplicidade de definições, é interessante o conceito utilizado por Becker de inscrição distópica, que prevê uma série de características distópicas possíveis de aparecer em uma obra, as quais tornam essa narrativa passível de um estudo dessa natureza (BECKER, 2017, p.21). Dessa forma, ainda que uma ou outra característica comum da distopia possa não estar presente numa narrativa, ela ainda pode ser estudada por essa perspectiva a partir de suas inscrições. Coincidentemente, outra área de estudos que tem seus limites maleáveis é a que concerne ao diário. Lejeune, um dos grandes nomes nos estudos desse gênero polimorfo afirma “[...] although one could distinguish broad categories of journals, there was an astonishing variety of forms and functions of the journal.” (LEJEUNE, 2009, p.34). A única característica fixa do diário, na opinião do crítico, seria a demarcação do tempo, que faz o diarista entrar em confronto com a inexorabilidade do tempo. Esse é um dos pontos de convergência entre essas

duas áreas: tanto o estudo da distopia quanto o do diário considera a flexibilidade de definição de ambos na hora de os analisar; mas esses entrelaçamentos não param aí. Em seu texto “Um diário todo seu”, Lejeune aponta alguns usos na construção de um diário, e dentre eles cita sobreviver, resistir, conhecer-se, deliberar e desabafar (LEJEUNE, 2014, p.262-64). Esses atributos são muito caros para a crítica à distopia também, tendo em vista a sensação de solidão e desesperança na qual muitas personagens são inseridas. Deliberar e desabafar são chaves para a formação de um pensamento crítico contra o que é imposto; conhecer-se revela o distanciamento entre a personagem e a sociedade da qual ela faz parte; e resistir e sobreviver são os meios usados para a criação da esperança na obra. Esses contatos, intuitivamente ou não, são muito explorados em obras distópicas, desde as clássicas até as críticas, e nas mais variadas mídias. Dentre as clássicas é possível citar o famoso diário de Winston em *1984* (1949), ou a obra *Nós* (1920) de Ievguêni Zamiátin. As distopias críticas também fazem uso desse gênero em suas narrativas, como é o caso de *Parábola do Semeador* (1997), de Octavia Butler, ou *Children of men* (1992), de P. D. James. Algumas obras tomam liberdades criativas, como é o caso de *O conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood e *A história de Animal* (2007), de Indra Sinha, que apesar de usarem uma fita cassete ao invés de um diário para gravar suas vivências, podem ser analisadas a partir de uma ótica bastante similar devido à proximidade tonal das obras (KAUFFMAN, 1992, p.222). Podemos ver essa tendência, também, em filmes como *O Lagosta* (2015) escrito e dirigido por Yorgos Lanthimos, com inscrições distópicas e com narrações de um diário; e em jogos como *The Last of Us Part II* (2020), no qual a protagonista carrega um diário que é atualizado conforme o jogo decorre. Percebendo essas aproximações e a grande recorrência da junção dos dois temas, nota-se uma necessidade de maior fortuna crítica que aborde especificamente a questão dos registros íntimos em obras de inscrições distópicas. Duas obras que se destacam por serem grandes reflexos dos movimentos aos quais pertencem (respectivamente, distopia clássica e distopia crítica) são o já citado *Nós* e *Future Home of the living God* (2017) de Louise Erdrich. Ambas as obras utilizam do diário como meio narrativo para suas histórias, refletindo e ressaltando diferentes aspectos do diário. Para analisar tais obras, será feito, no primeiro capítulo da dissertação, um levantamento teórico-crítico do gênero diário, com a intenção de apresentar por quais linhas o ele é analisado. O já citado Lejeune, em diversos de seus textos, irá compor a bibliografia, assim como os trabalhos de Seara e Carvalho que tratam da complexidade do gênero diário inserido em determinados contextos sociais. Também serão abordadas questões relativas aos registros pessoais e arquivamento desses, tendo em vista a natureza social e a fácil conexão com questões distópicas que geram tais estudos; são nomes relevantes nesse quesito Artière, Pêcheux e Chartier. Usando uma perspectiva narratológica na qual Field, Cohn e Chatman se debruçam, será possível pontuar quais desses aspectos formais do diário são mantidos ou descartados na conversão para uma literatura que usa desse gênero em sua narrativa. Aproximando-se, portanto, das questões literárias a distopia floresce nesse meio e será o tema do segundo capítulo. Começaremos buscando fazer um percurso histórico da teoria distópica, que compreenderá os processos que transformaram o entendimento do conceito de “distopia” com o tempo, para que, em seguida, seja possível fazer um levantamento crítico-teórico dos momentos em que os estudiosos abordaram a questão da escrita íntima em suas obras.

Dentre eles, serão apresentados nomes como o de Tom Moylan, Krishan Kumar, Gregory Claeys, Raffaella Baccolini, Erika Gottlieb, entre outros. Também, pretende-se expor, em um terceiro capítulo, obras distópicas que se utilizam da escrita íntima em suas narrativas para servir de consulta àqueles que se interessarem pelo tema abordado, a fim de facilitar a existência de mais textos teóricos que supram essa lacuna percebida. Com a teoria devidamente abordada, no quarto capítulo será feita a análise dos dois objetos de estudos escolhidos, *Nós* e *Future Home of the Living God*, com o objetivo de evidenciar, focando no aspecto de escrita íntima, as aproximações e os distanciamentos de duas obras separadas temporalmente e inseridas em contextos e movimentos distópicos distintos. Dentre alguns objetivos específicos estão notar quais aspectos do diário são mais ressaltados em cada narrativa; compreender como a escrita íntima atua para a construção de uma distopia; e traçar como os estudos utópicos podem apontar para uma tradição de escrita íntima, datada desde a primeira utopia ficcional, *Utopia* (1516), de Thomas More.

BIBLIOGRAFIA:

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida. In: **Estudos Históricos: Arquivos Pessoais**. v.11 n.21. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

BECKER, Caroline Valada. **Inscrições distópicas no romance português do século XXI** (Tese). Porto Alegre: PUCRS, 2017.

CLAYES, Gregory (Org). **The Cambridge companion to utopian literature**. New York: Cambridge University Press, 2010.

ERDRICH, Louise. **Future Home of the Living God**. New York: HarperCollins, 2017.

KUMAR, Krishan. *Utopia and anti-utopia in modern times*. Padstow: T.J. Press, 1987.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Org. de Jovita Maria Gerheim Noronha; Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEJUNE, Philippe. **On Diary**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2009.

MOYLAN, Tom; Tradução de Felipe Benicio, Pedro Fortunato e Thayrone Ibsen. **Distopia: fragmentos de um céu límpido**. Alagoas: Edufal, 2016.

MOYLAN, Tom; BACCOLINI, Raffaella (Org.). **Dark horizons: Science fiction and the utopian imagination**. New York: Routledge, 2003.

ZAMIÁTIN, Ievguêni Ivánovitch; Trad: SOARES, Gabriela. **Nós**. São Paulo: Aleph, 2017.

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DAS NARRATIVAS FÍLMICA E LITERÁRIA NA OBRA *METROPOLIS*.

Marcio Luiz Carvalho (Mestrando)
Bárbara Cristina Marques (Orientadora)
3.º semestre
Previsão de defesa: 2023/01

O cinema, como gênero discursivo, é um "recém-chegado" entre as artes. Hoje, depois de aproximadamente cento e trinta anos de seu surgimento, é sabido que teve de percorrer um árduo caminho até atingir esse status. Nesse ínterim, se por um lado o cinema incorporou uma dimensão popular própria às formas de arte que cumprem um papel social de entretenimento, também pôde adquirir formas de fazer pensar, não só dentro de uma metalinguagem cinematográfica, mas nas mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Sob essa segunda perspectiva torna, ou tenta tornar, sensível o olhar do espectador, levando-o a pensar em questões diversas (sociais, econômicas, literárias, científicas, etc.), no qual os temas podem beirar ao infinito. O mundo altamente visual da atualidade expõe o espectador a quase continuidade de estímulos, como a televisão, a internet, os anúncios expostos pela cidade, etc., pois são estímulos que tornam o leitor/espectador um receptor ativo da relação intermídia, quer este domine os conceitos embutidos nessa imensidão de informações, quer não. Vinculado à linha de pesquisa das Intermidialidades e novas formas artísticas, este trabalho se propõe investigar como o espectador se envolve ao "*stimmung*" (GUMBRECHT, 2011, p. 150), a "*atmosfera*" cinemática, a "*ambiência*" gerada pela obra fílmica. Para a análise dessas sensações criadas será utilizado o filme *Metrópolis* (1927), do diretor Fritz Lang, bem como a obra literária homônima escrita por Thea Von Harbou, de 1925. *Metrópolis*, considerado como uma das obras mais revolucionárias da história do cinema, fonte inspiradora para muitas obras artísticas, em campos variados, dentro ou fora, do audiovisual, tem a autoria de seu roteiro escrita também por Thea Von Harbou e mostra uma sociedade distópica, presa num universo futurista, o ano de 2026. Nessa realidade, as máquinas ditam o ritmo do progresso e as relações humanas se deterioraram a ponto de os homens se tornarem números e instrumentos de reprodução de bens e mercadorias. Despontando na vanguarda de seu tempo, a esteira dos primeiros movimentos modernistas da Europa, os autores se utilizam das linguagens da época para inserir seu público num universo não convencional, porém gerando uma atmosfera palpável, bela e famigerada. O que o torna relevante ao discursar com a realidade atual onde homem e máquina convivem em uníssono dentro dos multiversos digitais modernos. Estes objetos de estudo, que constituem ineditismo a este trabalho pois, em busca no banco de teses da CAPES pelo nome de Fritz Lang, retorna 12 entradas em áreas diversas, nenhuma sobre intermidialidades, com dez de 1999 a 2010, e outras duas entre 2019 e 2020. Dado que, o livro foi publicado no Brasil pela primeira vez em 2019 e a edição escolhida para análise fílmica de *Metrópolis* é a restauração e remontagem mais próxima do original, projetado nos cinemas berlinenses em 1927, que existe atualmente. Contando com 148 minutos (apenas duas cenas faltantes), feita pela Fundação Friedrich Wilhelm Murnau, de Berlim, após minucioso trabalho, posteriormente relançado no ano

de 2010. A importância em se ponderar essas experiências intermediárias, tendo o cinema como órgão de cognição, a gerar esta ambiência e despertar a percepção do espectador para um mundo onde a crença sofre alterações e, assim, torna crível qualquer imagem apresentada em tela, é a base que estabelece a estrutura deste trabalho que contará com organização em três capítulos. No primeiro pretendemos abordar os desafios e proposições em torno dos estudos intermediários contemporâneos, discernindo a função desse aglomerado de imagens que posiciona o espectador diante dos discursos que elas veiculam, quer explícita ou implicitamente. É dentro desse âmbito que Lars Elleström discorre que “a mente do perceptor age sobre o produto de mídia percebido com base tanto nas suas capacidades cognitivas interligadas quanto nas suas predisposições atingidas” (ELLESTROM, 2017, p. 44), pois concomitantemente enquanto o leitor/espectador trava contato com um texto literário ou aprecia um filme, toma consciência de uma ideia implícita à sua organização temática e estrutural. Destarte, tendo a literatura como uma das obras base, as teorias intermediárias são importantes em vários aspectos e podem ser aplicadas a variadas áreas de conhecimento ao discorrer que o leitor, fazendo-se espectador, passa a ter na experiência fílmica uma exponenciação nos significados devido aos símbolos sonoros e visuais presentes. Nesse interstício, o leitor não terá a experiência solitária da leitura, em que absorve a obra com o tempo que lhe é pertinente, mas sim, pondo-se espectador da história transmediada das páginas para as imagens em movimento, estará sujeito à visão imaginada/realizada dos criadores do filme. O segundo capítulo conterà uma análise sobre as sensações despertadas pela ambiência criada pelo filme (imagens, sons, ruídos, iluminação, sombras, etc.), o *stimmung* gerado como forma de ponderar a importância dessas experiências intermediárias, pois ir ao cinema é um “ato de puro ver”, onde a imagem cinematográfica é percebida de forma fenomenológica, onde por um determinado tempo a realidade é colocada em suspensão “entre parêntesis” (BUCK-MORSS, 2009, p. 8). Assim, por inferência pode-se também salientar que um livro é um “ato de puro ler”, porém, nesse caso, um ato solitário, cuja formação imagética do que se lê, a suspensão da descrença e o tempo a decorrer é de total controle do leitor. Isso se deve pelo gênero da mídia livro sugerir esse ato solitário, enquanto o cinema (o filme assistido na sala de cinema) sugere o ato coletivo. É o contar a mesma história e gerar ambiências diversas. Todo este processo analítico desenvolvido nos dois primeiros capítulos culminará no terceiro, cujo título provisório é *Entre palavras e entre imagens*, uma síntese final do estudo, que ainda será desenvolvido.

BIBLIOGRAFIA

AUMONT, Jacques. *A estética do filme*. Papyrus Editora. Campinas, SP. 2017.

AUMONT, Jacques. MARIE, Michel. *A análise do filme*. Edições Texto & Grafia. Lisboa, Portugal, 2004.

BUCK-MORSS, Susan. *A tela do cinema como prótese de percepção*. 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=-IDs8MI-iiYC&printsec=frontcover&hl=pt->

[BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](#). Acesso em: 02 set. 2022.

DINIZ, Thais Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares (Orgs.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Rona Editora; FALE/UFMG, 2012. Volume 2.

EISENSTEIN, Sergei. *A Forma do Filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed 2002.

ELLESTRÖM, Lars. *Midialidade ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade*. Porto Alegre. Edipucrs, 2017.

ELLESTRÖM, Lars. *Transmedial Narration, narratives and series in different media*. Vaxo, Sweden. Palgrave Macmillan, 2019.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*. PUC Rio, Rio de Janeiro, RJ. 2011.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro. PUC Rio, 2010.

HARBOU, Thea Von. *Metropolis*. 1ª ed. São Paulo: Aleph, 2019.

O DEMÔNIO VESTE BENOITON: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER COMO DAMA FATAL NA LITERATURA PORTUGUESA FINISSECLAR OITOCENTISTA

Pamela Manoela Velozo da Silva (Mestranda)

Silvio Cesar dos Santos Alves (Orientador)

4º semestre

Previsão de Defesa: 2023/1

Sempre houve, na literatura, a presença da figura feminina. Tradicionalmente, essas mulheres têm sido divididas em dois grupos: a “dama fatal” e a figura feminina generosa, que lembra a “mulher anjo”, ou seja, trata-se da antiga oposição entre Eva e Ave. Em meados do século XIX, a burguesia começa a tornar-se a classe social dominante, e os seus modelos familiares são impostos a toda a sociedade. Num tal contexto, a moda se apresenta como a essencial aliada de um dos “produtos” daquele tempo, a “mulher-objeto”, “ser não pensante” e passivo na sociedade, importante adorno nos salões de bailes, nos camarotes dos teatros, ou, ainda, no Passeio Público (BRAGA, 2021, p.48). Não é por acaso que o sucesso de um baile era avaliado pelo número de convidadas do sexo feminino. A moda terá ainda outro papel importante, o de demonstração do poder ilustre, sarcasticamente, masculino. De acordo com Maria Antonieta de Moraes (2012-2014, p.200), a moda, que a partir do século XIX, se altera de forma cada vez mais rápida, requererá uma maior atenção das damas fashionistas, que precisariam dedicar mais tempo à leitura atenta e cuidadosa das questões de moda nos jornais, com a decorrente compra de tecidos, encomenda de vestidos, chapéus, luvas, calçados e demais acessórios, o que lhes demandará longas horas na frente de um espelho. Tais atividades fatalmente lhes retirariam o tempo necessário para se preocuparem com as questões políticas, com a instrução ou a economia. É esse o cenário que a moda perpetua, e ao qual os jornais, uns mais, outros menos feministas, irão tentar opor resistência. Porém, por outro lado, seria injusto tirar da mulher a moda, pois seria como lhe afastar a única fonte de visibilidade social. A mulher socialmente aceita era aquela que cumpria a missão feminina, de mãe e esposa, mas que também sabia se vestir de acordo com os cânones da moda. Assim, era a mulher aristocrata ou da alta burguesia, privilegiada por não ser obrigada a trabalhar, a única com recursos financeiros disponíveis os avultados gastos que a moda exigia, condição que a tornava aquela que mais facilmente podia se aproximar daquele ideal feminino. Na literatura, textos como os poemas de Carlos Fradique Mendes, Guerra Junqueiro e Cesário Verde, além das narrativas do jovem Eça de Queirós, denotam a forte influência que a moda exercia sobre as mulheres do Portugal Oitocentista, além de evidenciarem que essa influência não estava implicada apenas na maneira como elas se vestiam, mas também no comportamento que elas tinham naquela sociedade. Nesse sentido, esta pesquisa busca mostrar que os tecidos de luxo e os adornos especiais não faziam parte, apenas, de uma moda da época, mas deixavam claro, para aquela sociedade, que a mulher que a tal moda aderira ou que a ela poderia aderir pertencia a certo grupo, o *high life*. Trata-se de um grupo para o qual os sentimentos pouco importavam, um grupo que vivia a vida de modo superficial, a partir de eventos da moda, do luxo, de ligações perigosas e excitantes. Esta pesquisa é oriunda de uma comunicação

apresentada ao SELISIGNO, 2016, na qual, a partir da peça teatral *La famille Benoiton*, escrita pelo dramaturgo francês Victorien Sardou (1831-1908), se demonstrou como o termo “*benoiton*” poderia ser compreendido tanto como um adjetivo (referindo-se à frieza, à materialidade, ao dom-juanismo), quanto como um adjunto adverbial de modo (relativo à moda, ao *chic*, e ao *toilet*), sendo este, também, o principal escopo do presente trabalho, para o que se remonta à personagem *Onfália Benoiton*, do texto homônimo publicado por Eça de Queirós em 15 de dezembro de 1867, na *Gazeta de Portugal*. Dessa forma, busca-se, aqui, um aprofundamento acerca das circunstâncias que fizeram de *Onfália Benoiton* uma figura simbólica, que posteriormente seria objeto de refiguração em outros textos literários, o que garantiria à personagem uma sobrevida, muito indicativa, aliás, de que as questões que lhe deram origem e que por ela eram representadas haviam durado muito mais do que a lembrança da representação do drama de Sardou, transcendendo, inclusive, o campo no qual se inserira o folhetim de Eça de Queirós. Para tanto, faz-se necessário dividir esta pesquisa em três capítulos, tratando o primeiro, especialmente, de apresentar como a peça *La Famille Benoiton* foi recepcionada no Brasil e em Portugal, em meados de 1860. Para este objetivo, apontaremos as críticas feitas no calor do momento no periódico *O Correio Paulistano* (1866-1879), encontrado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O interesse desse primeiro capítulo é mostrar os primeiros efeitos que a peça causou na sociedade oitocentista da época. Em seguida, buscaremos elucidar a construção da personagem e seus efeitos a partir da obra *Characters in Fictional Worlds: Understanding Imaginary Beings in Literature, Film, and Other Media* (EDER, JANNIDIS, SCHNEIDER, 2010) e *Sobrevida da personagem ou conceito em movimento* (REIS, 2017), visando dimensionar a importância da sobrevida dessa personagem em outros textos de Eça de Queirós e de outros autores seus contemporâneos, como o poema *A Carlos Baudelaire* (1869), do heterônimo coletivo Carlos Fradique Mendes, criado por Eça, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis; o romance *O mistério da Estrada de Sintra* (1871), escrito a quatro mãos por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão; o poema *Flores Venenosas – I Cabelos* (1874), de Cesário Verde; o poema *A um certo homem* (1874), de Guilherme de Azevedo; e também o poema *Imperia* (1874), de Guerra Junqueiro. Nesses textos, é possível perceber a constância e a importância da personagem de Sardou, *Madame Benoiton* (cuja referência em língua portuguesa é o folhetim de Eça de Queirós, visto que não se traduziu ou que nunca se encontrou a tradução em português do drama francês), em cuja sobrevida se pode acompanhar as mudanças da representação do luxo como estilo de vida, ao longo de mais de duas décadas. E, por fim, pretende-se fazer um levantamento de como a expressão “*benoiton*” influenciou as mulheres em relação à moda na época oitocentista, não só em Portugal, mas também aqui no Brasil, já que um dos nossos autores mais influenciados por essa sobrevida foi o próprio Machado de Assis. Para tal, serão utilizados os periódicos *O Correio Paulistano* (1866-1879) e *O Correio das Damas* (Lisboa, 1867-1879), disponíveis na Biblioteca Nacional de Portugal. Acreditamos, assim, que será possível mapearmos e catalogarmos as temáticas, os artigos de moda, bem como as gravuras responsáveis por garantirem, para além do universo puramente ficcional, a sobrevida das personagens Madame (segundo a origem francesa) e Onfália (segundo a primeira versão em português) “*benoiton*”. Esta pesquisa se justifica, portanto, pela necessidade de ampliação e aprofundamento acerca da representação do feminino na tradição

de língua portuguesa (embora tendo como ponto de partida Portugal). É conhecida a recorrência com que as mulheres, na maioria das vezes, são representadas como submissas ao homem, como se tivessem nascido para uma única finalidade: o casamento bem-sucedido. No entanto, nessas narrativas, a mulher é destacada por sua elegância, futilidade e decadência (mas não necessariamente seguindo um ponto de vista seguramente negativo), e não por sua ânsia de se casar, o que nos encaminha para um entendimento pautado pela contradição, pela ambivalência. Portanto, o que aqui se objetiva, por meio das perspectivas da sobrevida da personagem e da moda, é contribuir com as pesquisas que abarcam as construções dos processos identitários a partir da representação da mulher na literatura portuguesa finissecular oitocentista, sendo relevante, também, ressaltar a importância de um novo horizonte para as leituras das obras de Eça de Queirós, no que tange às mulheres. A metodologia parte do levantamento e busca dos periódicos relevantes para a obtenção dos resultados relacionados aos artigos de moda e ao termo “*benoiton*”, tanto no Brasil como em Portugal. Nesse sentido, para podermos fomentar todas estas discussões, algumas referências de cunho mais teórico serão fundamentais, a saber: *A gênese da personagem queirosiana em Prosas Bárbaras* (2002), de Ana Peixinho; *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica* (1996), de Mario Praz; *A mulher no romance de Eça de Queiroz* (1999), de Francisco Dantas; *A sobrevida poética do tipo “benoiton” no despontar da modernidade lírica portuguesa* (2018), trabalho de conclusão de curso de Rafael Guedes; e *A moda no periodismo português oitocentista* (2020), de Ricardo Braga. A partir dessas referências, espera-se melhor esclarecer a relação entre a moda e o temperamento, que enformava um modo de agir socialmente intrinsecamente ligado àquele mundo capitalista e materialista da segunda metade do século XIX. O luxo não estaria voltado somente para os tecidos e enfeites caros, mas também relacionados aos lugares frequentados e à personalidade assumida pela mulher. Vestir-se à “*benoiton*” era uma forma de delimitar um território ou de assumir socialmente uma máscara. Para além disso, vestir-se à “*benoiton*” assegurar às mulheres oitocentistas a identificação com um status e um lugar na sociedade, vez que a mulher era privada de papéis na vida pública e impossibilitada de obter um reconhecimento socialmente digno. Os homens, ao contrário, eram facilmente avaliados pelas divisas apresentadas em suas fardas, pelas condecorações na sua casaca, ou pelo brasão no seu anel, elementos indicadores do seu status. Nesse sentido, restava às mulheres conquistar esses sujeitos privilegiados, colocando em destaque o seu aspecto físico, realçado por tecidos de luxo, feitos caprichosos, adornos escolhidos e glamourosos, além de atitudes estudadas. E o que estava em curso era uma verdadeira revolução, pois nossa intuição é a de que a autonomia adquirida no trato da coisa artificial da moda, mais do que apenas ensejada por uma relação de consumo, acabou se tornando um laboratório de resistência de gênero.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Guilherme. A um certo homem. In: **A alma nova**. Coimbra: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981, p. 85-89.

BRAGA, Ricardo. **A moda no periodismo português oitocentista**. Dissertação (Mestrado em História da Arte Patrimônio e Cultura Visual) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. p. 276. 2020.
CORREIO PAULISTANO. São Paulo, ano 1866. n. 03065. p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=090972_02&Pesq=benoiton&pagfis=2540. Acesso em: 22 nov. 2021.

EDER, J.; JANNIDIS, F.; SCHNEIDER, R. Introduction. In: EDER, J.; JANNIDIS, F.; SCHNEIDER, R. (org.). **Characters in fictional worlds: Understanding imaginary beings in literature, fiction, and other media**. Berlin: De Gruyter, 2010. p. 3-66.

GUEDES, Rafael Fabris. **A sobrevida poética do tipo “benoiton” no despontar da modernidade lírica portuguesa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Vernáculas e Clássicas) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Londrina. p. 45. 2018.

JUNQUEIRO, Guerra. **A velhice do Padre Eterno**. 2 ed. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 166.

JUNQUEIRO, Guerra. Imperia. In: **A morte de Dom João**. Porto: Casa Moré, 1874, p. 31-41.

MORAIS, M. (2012-2014). **Os Alfaiates e as Modistas em Lisboa (1775-1850)**: Subsídio Para a História do Traje e da Moda. Revista de Artes Decorativas da Universidade Católica do Porto. N. °6, 197-222.

O CORREIO DAS DAMAS. **Jornal de literatura e de modas**. Lisboa: Typ, v. 1, nº 1 fev. 1836. ed. J. S. Mengo. Disponível em: <https://purl.pt/14346>. Acesso em: 22 nov. 2021.

PEIXINHO, Ana T. **A gênese da personagem Queirosiana em prosas bárbaras**. Coimbra, PT: Edições Minerva Coimbra, 2002. p. 182.

PRAZ, Mario. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996. Coleção repertório.

QUEIROZ, Eça. **Prosas Bárbaras**. Porto, PT: LELLO&IRMÃO – Editores 1845-1900. p. 257-268.

REIS, Carlos. Para uma teoria da figuração. **Sobrevidas da personagem ou um conceito em movimento**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 52, n. 2, p. 129-136, abr.-jun. 2017.

SEMANA, Dr. Semana Ilustrada. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, Ed. 00315- 00332, p. 02-08, 1867. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=702951&pagfis=2657 &url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 02 out. 2021.

A POÉTICA DE GUILHERME MANDARO NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR

Patrícia Marcondes de Barros (Doutorado)
Frederico Garcia Fernandes (Orientador)
Não informou qual semestre está cursando
Previsão de defesa – 2024/1
Arguidores anteriores: Suely Leite

A presente comunicação refere-se à pesquisa de doutorado em andamento (em fase inicial) e tem como objetivo analisar a poética de Guilherme Mandaro (1952-1979) em suas incursões junto a Charles Peixoto, Ricardo Chacal, entre outros poetas que produziram uma nova forma de literatura através da utilização do mimeógrafo. Esta prática barateou o preço dos livros e propiciou uma liberdade maior de expressão num momento de ápice da ditadura militar. Essa possibilidade desobrigaria os poetas a passarem pelo crivo das grandes editoras que, geralmente, não tinham interesse neste tipo de literatura. Do imperativo de se ter autonomia, garantindo a liberdade de expressão e criando seus *modus vivendis* surge então aquilo que os críticos literários denominaram pejorativamente naquele contexto como poesia marginal. O termo “marginal” relaciona-se aos meios de produção alternativos e da concepção de poesia afastada dos cânones, do solene na literatura. Tal poesia é fruto do momento de uma ditadura militar no contexto da efervescência da contracultura, oferecendo resistência através de uma nova forma de pensar a vida e os códigos de linguagem. A revolução comportamental proposta pelo movimento juvenil de caráter internacionalista denominado de contracultura ganhou terreno nos “tristes trópicos” de Lévi Strauss, de forma carnalizada e deglutida oswaldianamente por parte da juventude brasileira imersa no chamado “desbunde”, durante a década de 1970. Segundo Gonçalves (2008, p.39) os desbundados “não reconheciam mais na militância política um ideal de vida a ser seguido e, em convergência com a liberalidade proposta pelos movimentos de contracultura, adotaram o desbunde como signo de rebeldia e descrença em relação aos projetos revolucionários e, de certo modo, também à ordem vigente”. Caetano Veloso em *Verdade Tropical* (1997) postula que “desbundar” significa deixar-se levar pela bunda, tomando-se aqui como sinédoque para “corpo” a palavra afro-brasileira que designa essa parte avizinhada das funções excrementícias e do sexo (mas que não se confunde totalmente com aquelas nem com este), sendo uma porção exuberante de carne que, não obstante, guarda apolínea limpeza formal (VELOSO, 1997, p. 469). Oliveira (2016, p. 5605) conclui: “O desbundado faz do desbunde a crítica: a crítica como resistência, à resistência como desvio, o desvio como enfrentamento”. Neste momento, a forma de resistir era “desviando” e reexistindo num espaço paralelo à realidade oficial, caminhando pelas brechas do sistema como postulou o poeta Torquato Neto e com “uma incerta dor/na ansiedade de ocupar/com a palavra certa/os espaços que vão aparecendo (MANDARO, 1976, p.05)”. Espaços “entre as brechas” do sistema e palavras muitas vezes incompreendidas, alcançando a crítica literária no século XXI, ainda como transgressoras ou como literatura menor dentro da história literária. Ainda assim, a poesia marginal se proliferou em jornais, revistas e livros produzidos em mimeógrafo relacionado intimamente

com as propostas da contracultura ganhando espaço e diferenciando-se em relação aos meios utilizados (e as formas de produção, divulgação e recepção) e às “mensagens” (com a inserção de novos temas, linguagens e experiências do político e estético) caracterizadas pelo aspecto não mercantil e assistemático de sua produção, que circulou de forma restrita, atingindo pequena parcela juvenil brasileira “antenada” com suas propostas. A princípio, esse tipo de literatura se difundiu nos grandes centros brasileiros (ambiente urbano, afeito às novas ideias e comportamentos), seguindo também a estratégia de proximidade aos grandes jornais (PEREIRA apud BRAGA, 2005, p.27). A contracultura foi um movimento assistemático e espontâneo pouco elucubrado teoricamente por parte da geração setentista brasileira, mas intensamente vivida, principalmente por experimentações no campo estético por parte da juventude classe média urbana que ganharam visibilidade no cinema, na música, nas artes plásticas e na poesia. As produções literárias marginais, de forma geral, têm como característica o fazer-se à margem do sistema social e cultural vigente, não apenas renovando as formas estéticas, mas provocando e propondo mudanças nas próprias práticas culturais, nos modos de conceber a cultura fora de parâmetros sérios e eruditos (OLIVEIRA, 2011, p.31). A dialogia antropofágica modernista que devorou outras manifestações artísticas (do presente/passado, nacional/estrangeira), desvelou a nova genética do pensamento, com formas diferenciadas de reexistir, fazer as críticas ao sistema, embalados ao som do rock na perspectiva sensorial da contracultura: “corpo na ação”, linguagens da vida moderna. Para melhor sistematizarmos nosso trabalho, em um primeiro momento, apresentaremos o contexto no qual se deu a referida geração literária, analisando seus ecos reverberados do modernismo brasileiro, da poesia concreta, da contracultura norte-americana, do rock, do psicodelismo e existencialismo gerado pela contingência de repressão ditatorial, entre outras possibilidades descortinadas. Posteriormente, apresentaremos Guilherme Mandaro e sua poética, expressão estética e política de parte da juventude envolvida em uma nova subjetividade. A pesquisa de cunho bibliográfico se dará através dos rastros deixados pelo poeta em sua breve e intensa existência perscrutados através de sua participação no coletivo poético “Nuvem Cigana” e suas obras “Hotel de Deus” (1976) e “Trem da noite” (1979).

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, André Luís de. Poética brasileira contemporânea: de la poesía marginal hacia la poesía divergente. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 5-20, 2018.

BARROS, Patrícia; ROST, Isis (org.). *Transas da contracultura brasileira*. São Luís: Passagens, 2020.

BRAGA, Regina Estela. *Imprensa Alternativa: apogeu, queda e novos caminhos*. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. *Cadernos da Comunicação: série Memória*, 2005.

BRITO, Antônio Carlos de (Cacaso). *Não quero prosa*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

Como o mimeógrafo influenciou movimentos culturais, revista Galileu, 2016.
Disponível em:
<https://revistagalileu.globo.com/Caminhos-para-ofuturo/Desenvolvimento/noticia/2016/08/ha-140-anos-thomas-edison-recebia-patente-do-mimeografo.html> (Acesso em 18/07/2021).

GONÇALVES, Daniel José. O desbunde como manifestação política: a identidade de gênero na obra de Ana Cristina Cesar. *Dissertação (mestrado)* - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. Defesa: Curitiba, 24/09/2008.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro, Editora Aeroplano 1976.

MANDARO, Guilherme. *Hotel de Deus*. Rio de Janeiro: Nuvem Cigana, 1976.

MANDARO, Guilherme. *Trem da noite*. Rio de Janeiro: Nuvem Cigana, 1979.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária - *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, Leonardo Davino de. Jeito de corpo: desbunde como resistência político-poética. *Anais do XV Encontro ABRALIC*. Rio de Janeiro, 19 a 23 de setembro de 2016, UERJ, Rio de Janeiro.

VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

O REALISMO MÁGICO COMBATE A DITADURA: DISCURSOS SULAMERICANOS DE RESISTÊNCIA

Rhuan Felipe Scomação da Silva (Doutorado)
Alamir Aquino Corrêa (Orientador)
5º Semestre.
Previsão de defesa: 2024/01
Arguidor anterior: Luiz Carlos Santos Simon

Este projeto de tese teve início com a proposta de estudar a atuação, relevância e repercussão do realismo mágico sulamericano durante as ditaduras dos governos militares do Brasil e do Chile a partir das narrativas *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga e *A Casa dos Espíritos* de Isabel Allende. Planejava-se compreender como essas narrativas serviram de exemplo jornalístico e histórico para um dos períodos mais violentos do Brasil e do Chile, denunciando, pela literatura, os horrores desses governos. A proposta tinha também como intuito fazer um levantamento do realismo mágico como mecanismo de denúncia dos regimes militares, tornando esse gênero testemunho da história que não era contada pela mídia hegemônica graças às censuras. Do projeto inicial, aproveitei apenas o elemento referente ao realismo mágico para esse momento da pesquisa. Após um processo de compreensão do que foi o realismo mágico no Brasil, e como esteve presente no mercado editorial nacional, a pesquisa começou a caminhar para novos espaços. O primeiro deles foi recortar o período histórico e geográfico onde a pesquisa ganharia força – decidi ficar com o início da década de 1960 até meados da década de 1980, e apenas no Brasil. Esse recorte se deu por representar onde o realismo mágico esteve mais presente no cenário literário e editorial no Brasil, desde sua origem mais popular, com a influência do fantástico publicado por Julio Cortázar, Gabriel Garcia Márquez, Alejo Carpentier, Jorge Luis Borges e outros, até seu quase desaparecimento nos últimos anos da década de 1980. O levantamento dessa pesquisa torna-se então um projeto para trazer, historicamente, o que foi o realismo mágico no Brasil, discutir sua presença no cenário literário do país, trazer questionamentos quanto à sua atuação como mecanismo histórico e jornalístico, assim como promover discussões acerca de sua influência na construção de um imaginário durante as décadas de 1960 e 1980. Para alcançar esses objetivos, começo com uma pesquisa acerca dos principais escritores desse período, como José J. Veiga, Murilo Rubião, Moacyr Scliar, Lygia Fagundes Telles, entre outros. Buscamos suas publicações, períodos de atuação editorial, número de edições publicadas e encontramos, até aqui, cento e treze primeiras edições que vão desde 1932 a 2022. Vale destacar que, inicialmente, eram apenas setenta e três primeiras edições, esse número foi sendo ampliado conforme me deparava com obras menos destacadas nos períodos. Com esses dados, construí uma tabela que vem sendo alimentada constantemente. Nela temos o nome do autor, da obra literária, ano de publicação e editora, destaco em vermelho as narrativas que foram publicadas durante o regime militar brasileiro para, num futuro possível, criar conexões entre esse fato histórico e a importância dessas narrativas. A pesquisa para alimentar essa tabela foi feita em sites como o Domínio Público, Estante Virtual (curiosamente um dos lugares onde mais consegui colher dados), Biblioteca Nacional e outros que serão inseridos na

bibliografia final. O interessante dessa pesquisa foram também os parâmetros utilizados para a busca. Já que não tinha ainda um condutor geral, busquei pela bibliografia dos principais escritores e procurei, uma a uma, suas obras; em seguida busquei por palavras chave no Google, como fantástico, realismo mágico, sobrenatural, insólito e, a partir dessas pesquisas, encontrei outros escritores nacionais do período e inseri na tabela. Toda essa pesquisa até aqui rendeu três caminhos que exploramos a fim da contínua busca do que foi o realismo mágico nacional. O primeiro deles foi o levantamento das capas de cada uma dessas primeiras edições da tabela principal, desde *Fantoches e Outros contos* (1932), de Érico Veríssimo, até *Sete Monstros Brasileiros* (2014), de Bráulio Tavares. Com esse levantamento, foi produzido um artigo destacando elementos imagéticos dessas capas com relação às narrativas. Nesse trabalho em especial, analisamos *Fantoches e outros contos* (1932) e *Incidente em Antares* (1971) de Érico Veríssimo; *Praia Viva* (1943) e *O Cacto Vermelho* (1949), de Lygia Fagundes Telles; *O Coronel e o Lobisomem* (1964), de José Cândido de Carvalho; *A Máquina Extraviada* (1968) e *Aquele Mundo de Vasabarro* (1982), de José J. Veiga; e *A Máquina Voadora* (1994) de Bráulio Tavares. Esse trabalho foi apresentado no “Ciclo Íbero-Americano de diálogos contemporâneos”, em Porto, Portugal, e será publicado em forma de ebook em meados de 2023. Vale destacar que a pesquisa se mantém conforme encontramos novas publicações. Outro aspecto interessante dessa pesquisa tem sido observar as escolhas estéticas e os paratextos didáticos dessas narrativas, como as coleções em que elas foram publicadas, as notas dos autores e demais elementos que ampliam o aspecto de influência desses textos com a história do Brasil. O segundo caminho foi uma busca por pesquisas acadêmicas brasileiras acerca do realismo mágico, que tenham como palavras-chave: “Fantástico, Mágico, Sobrenatural, Insólito e Maravilhoso” e que possuam uma interconexão com a ditadura militar brasileira. A busca usou como referência o site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e encontrou vinte e oito trabalhos que, de alguma forma, construíram suas pesquisas utilizando um ou mais dos termos referentes ao fantástico, assim como a relação desses textos com a ditadura, seja como crítica, levantamento histórico ou outros temas. Um artigo foi construído a partir dessa pesquisa e apresentado no evento de 2022 da Associação Brasileira de Literatura Comparada sob o título “Realismo mágico como crítica velada à ditadura militar: Um estudo sobre a produção acadêmica brasileira” e será publicado também em meados de 2023 em forma de ebook. Interessante destacar que essa pesquisa nos ajudou a perceber como a produção acadêmica acerca do tema ainda é incipiente no país; contudo, vale lembrar também que os trabalhos utilizados na pesquisa foram apenas os digitalizados e abertos ao público geral. Planejo ampliar esse trabalho, mas ainda não está completamente decidido. O terceiro caminho foi buscar fontes jornalísticas que ajudassem a compreender o ambiente do fantástico no período em destaque. Como a busca por todas as fontes em jornais seria uma pesquisa colossal e impossível para a duração desse doutorado, recolhemos nossa busca, inicialmente, em dois suplementos literários de grande relevância no país: o Suplemento Literário do estado de Minas Gerais, que tem como um dos nomes responsáveis um dos mais consagrados escritores do realismo mágico brasileiro, Murilo Rubião, e o Suplemento literário do jornal do estado de S. Paulo, material periodístico de maior alcance de público do período. A pesquisa utilizou como referências seus acervos digitais e encontrou, até aqui, trezentos e vinte e quatro

citações que vão desde publicações de contos, lançamentos, matérias, críticas literárias, biografias, entrevistas, depoimentos e premiações de escritores brasileiros que, de alguma forma, dialogam com o fantástico. Entre eles estão o próprio Murilo Rubião, José J. Veiga, Moacyr Scliar, Josué Guimarães e dezenas de outros escritores. Essa pesquisa jornalística é a mais recente do projeto, por isso ainda está em andamento e um artigo está sendo escrito para uma futura publicação. Com base nessas pesquisas e nas percepções que colhemos até aqui, essa tese caminha mais para uma percepção e um resgate histórico do que foi o realismo mágico nacional, mostrando suas divergências com o cenário ibero-americano do gênero, do que uma busca por algo inédito. A percepção é de que o realismo mágico nacional foi mais diverso do que nos países vizinhos, promovendo uma miríade de percepções graças ao espaço geográfico continental de nosso país tanto em distância como em culturas. Apesar dessa percepção, fica claro, até aqui, que as publicações tiveram como centro escritores do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, contudo, a pesquisa é ainda incipiente para colhemos conclusões acerca dessa dominância. O projeto para os próximos semestres é ampliar essas tabelas que foram construídas até aqui, com o objetivo de formar um grande arcabouço de referência do que foi o realismo mágico desde seu *boom* nacional até seu quase desaparecimento no final da década de 1980, assim como compreender sua importância para o cenário que se construía com as censuras da ditadura militar.

BIBLIOGRAFIA

BESSIÈRE, Irène. *Le récit fantastique: la poétique de l'incertain*. Paris: Larousse, 1974.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. *A literatura fantástica: caminhos teóricos*. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2014.

CESERANI, Remo. *O Fantástico*. Trad. Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba, Ed. UFPR, 2006.

CHIAMPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispanoamericano*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

ROAS, David. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. Trad. Julián Fus. 1ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

RODRIGUES, Selma Calasans. *Macondamérica. A paródia em Gabriel Garcia Marques*. Rio de Janeiro, Leviatã, 1993.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS. *Biblioteca professor Rubens Costa Romanelli*. 2022. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/> Acesso em Out. 2022.

BIBLIOTECA NACIONAL. *Hemeroteca Digital Brasileira: Suplemento Literário de São Paulo*. 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=098116x&pesq=&pagfis=1>, acesso em out. 2022.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2014.

VENTURA, Zuenir. *1968 – O ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VOLOBUEF, Karin. *Uma leitura do fantástico: A invenção de Morel (A.B. Casares) e O Processo (F. Kafka)*. Revista Letras, Curitiba, n.53, p. 109-123. Jan./Jun. 2000.

SEDA 2022.2

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO

LITERATURA
CULTURA E SOCIEDADE
no percurso das Intermidialidades

24 E 25 DE NOVEMBRO DE 2022



Programa de Pós-graduação em Letras:
estudos literários



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA